



Meio século ao serviço da Agricultura



“
Desinvestir
na agricultura
é desinvestir
na defesa

Jorge Rita
Presidente da Associação Agrícola
de São Miguel

“
Homenageados
dos 50 anos
Associação
Agrícola
de São Miguel



**Juntos
construímos
o futuro!**

Na DEKALB,
acompanhamo-lo passo a passo para garantir que atinga o máximo
de rendimento.

SUMÁRIO

EUGÉNIO QUENTAL
MEDEIROS CÂMARA

**“Jorge Rita
não é apenas
um líder, é um
verdadeiro defensor
da agricultura
açoriana com
dimensão nacional”**

Página 15



MARCELO REBELO DE SOUSA
**MENSAGEM DE
SUA EXCELÊNCIA
O PRESIDENTE
DA REPÚBLICA**
Comemoração
do 50.º Aniversário
da Associação
Agrícola
de São Miguel

Página 5



JOSÉ MANUEL BOLIEIRO
Associação Agrícola
de São Miguel
superou “desafios
enormes”

Páginas 6e7



LUÍS GARCIA
“Desenganem-se
aqueles que
julgam que
a agricultura
é uma atividade
do passado”

Páginas 8e9

**Homenageados
dos 50 anos Associação
Agrícola de São Miguel**

Páginas 16a43

**Associação Agrícola
de São Miguel
assinala 50 anos
ao serviço
dos agricultores**

Páginas 44a56

Ficha Técnica Propriedade

Cooperativa União Agrícola, CRL.
Recinto da Feira - Campo de Santana
Telf: 296 490 000

Textos: Carlota Pimentel

Fotografia/Design: AASM

Gráfica: EGA-Empresa Gráfica Açoreana, Lda
Edição Especial 50 Anos da AASM



JORGE RITA

**“Desinvestir
na agricultura
é desinvestir
na defesa”**

Páginas 2a4



JOSÉ MANUEL FERNANDES

**Ministro da
Agricultura defende
continuidade
do POSEI**

Páginas 10e11



ÁLVARO MENDONÇA E MOURA

**Presidente da CAP
apela a articulação
para preservar
regras do POSEI**

Páginas 12e13

“Desinvestir na agricultura é desinvestir na defesa”



O presidente da Associação Agrícola de São Miguel (AASM), **Jorge Rita**, defendeu, na cerimónia do 50.º aniversário da AASM, que um desinvestimento na agricultura é um desinvestimento na defesa.

O líder da AASM há 23 anos apontou que se fala muito em verbas da União Europeia, sobretudo quanto à defesa, inclusive na retirada de "verbas de vários setores para a defesa", algo que, na sua perspetiva, é "cometer um erro gravíssimo".

"Os políticos que não sabem que a

melhor defesa que qualquer país pode ter é a sua alimentação, não servem, não merecem o cargo que ocupam. Qualquer país, por mais armamentos bélicos que possa ter, se não tiver a alimentação, nem força tem para puxar o gatilho", sustentou.

Nesse sentido, Jorge Rita reconheceu que na base de qualquer país está a alimentação e, por consequência, a agricultura. "Para um país que quiser ter, também, uma boa defesa, tem claramente de perceber que não pode descuidar a agricultura e a sua alimentação. Fica essa nota, que é importante, que é

um desafio para todos aqueles que nos governam, região, país e Europa, todos aqueles que podem ter influência", explanou durante o seu discurso nas comemorações do quinquagésimo aniversário da AASM.

Citando Aristóteles, o presidente da AASM reforçou o quanto especial é a alimentação, que "faz-se e far-se-á sempre com os agricultores". E, "portanto, um forte aplauso para os agricultores micaelenses, açorianos e portugueses", louvou Jorge Rita, argumentando que os agricultores devem "sentir orgulho naquilo que fazem".

"Afirmam-se, cada vez mais, que esta profissão, com a dignidade que tem e merece, está considerada entre as cinco profissões mais importantes do mundo. Não sei, se nos próximos tempos, não será uma das mais importantes, na primeira, na segunda ou na terceira, conforme quiserem fazer a classificação", prosseguiu o presidente da AASM.

Jorge Rita aproveitou ainda para recordar o passado, lembrando a importância de todos que contribuíram para a AASM, bem como a sua própria fundação. "Os 50 anos da Associação Agrícola de São Miguel é uma data de grande simbolismo para o movimento associativo na Região Autónoma dos Açores, concretamente em São Miguel e na região e no país", referiu, adiantando que a formação das associações "fez-se praticamente a seguir ao 25 de Abril".

Explicou ainda que, enquanto as cooperativas já existiam desde 1938, o verdadeiro movimento associativo agrícola só ganhou forma depois de 1975, com o 25 de Abril a abrir espaço para uma nova organização dos agricultores.

"Neste momento simbólico dos 50 anos, não posso esquecer, nunca, nem era justo, que não referenciasse aqueles que foram os fundadores e os formadores desta associação. Porque sem eles, aqueles que tiveram coragem, ousadia, visão e estratégia da formação de uma associação com este cariz, com esta natureza, com a necessidade que havia de agregar aquilo que era uma



comunicação conjunta dos agricultores, (...) este setor da atividade tão importante na economia da região não tinha uma voz, não tinha os seus representantes legítimos", destacou.

O presidente lembrou também o movimento do 6 de junho, considerando um marco na mobilização dos agricultores micaelenses antes mesmo da criação formal da Associação.

Outro momento marcante foi a fundação da Cooperativa, lembrou Jorge Rita, justificando: "Uma organização com independência económica e financeira e uma organização como a nossa, de reivindicação, forte, persistente, consistente, com confiança, com segurança, também se faz e só se faz bem feito se tiver a independência económica e não está dependente de nada nem de ninguém".

Por este motivo, parabenizou todos aqueles que "de uma forma direta e indireta, fizeram e criaram também a cooperativa" e felicitou "todos aqueles agricultores associados e cooperantes que acreditaram nesta mesma cooperativa, que é a cooperativa que hoje funciona também como Associação e Cooperativa".

Durante estas cinco décadas, foi igualmente salientado o crescimento "de forma substancial" do número de associados, mas também do número



Meio século ao serviço da Agricultura

de funcionários. "A instituição tem 360 funcionários. Portanto, não há muitas empresas na Região Autónoma dos Açores com esta dimensão. (...) É uma grande instituição, reconhecida por tudo e por todos, e hoje vê-se cla-

ramente o reconhecimento. Por isso, este é um momento, para mim pessoalmente, de grande orgulho, de muito orgulho, de muita satisfação", considerou o presidente da AASM.

O líder notou ainda que poucas instituições privadas açorianas têm dimensão semelhante, "à exceção de algumas entidades públicas, o que mostra a força económica da AASM".

Jorge Rita reconheceu a importância dos antigos presidentes da direção da Associação, António Maria Correia do Carmo, Paulo Alberto Moniz Teves,





► António de Oliveira Cymbron, José Francisco Almeida Barbosa e Manuel António Oliveira Martins.

"Foram esses que ao longo dos anos dirigiram a Associação, em que depois deixaram-me um legado extremamente importante, que é continuar a defender de forma intransigente o rendimento dos agricultores, até porque é um slogan muito interessante, que nós mantemos e vamos manter, que é o rendimento e dignidade, ou dignidade e rendimento. Então é um slogan importante que se mantém, que é a nossa filosofia reivindicativa em relação à Associação", declarou.

O dirigente manifestou o orgulho de presidir à AASM no marco do seu cinquentenário, sublinhando a importância de preservar a memória institucional e homenagear os antigos dirigentes e colaboradores.

Na cerimónia foram destacados também os sete sócios fundadores que, desde 1975, mantêm vínculo à Associação. Não obstante, a grande homenagem de Jorge Rita, para além dos já referenciados, foi para "todos os agricultores micaelenses", que, na sua ótica "são os mais resistentes e os mais resilientes". "Claramente, quem governou, quem governa e irá governar, sabe que tem sempre um setor de atividade que está sempre pronto, pronto a ajudar a economia da região", prosseguiu.



O presidente da AASM aludiu ainda que em tempos difíceis, como 2008 ou em 2020, na pandemia da Covid-19, a agricultura nunca parou nem nunca parará. Voltando a 2008, devido à "grande crise financeira mundial, europeia e regional também, nós, os agricultores, não parámos. Continuamos a produzir, a transformar, a vender, a valorizar e a alimentar. Portanto, a agricultura não pára, a agricultura não parará", assinalou, acrescentando que o Governo tem na agricultura um "parceiro de excelência para governar e dar sustentabilidade a toda a sua economia, potenciando, claramente, outros setores da atividade".

O presidente terminou com palavras de agradecimento à comunicação social, às entidades presentes e ao humorista Herman José, cuja presença ajudou a tornar o momento ainda mais festivo.

"Viva a Associação, viva os agricultores, viva os seus colaboradores, todos sem exceção. E todos os governos que acreditaram ao longo desses anos que esta Associação é uma Associação respeitada, com dignidade, com credibilidade, como parceira, como proponente, conivente com todas as ações que os governos quiseram ter sempre em relação à agricultura. Todos sem exceção, um bem-haja também para todos os governantes aqui presentes e obrigado também da nossa parte", finalizou Jorge Rita, mandando "um abraço do fundo do coração, com muita emoção, para toda a agricultura dos Açores, para toda a agricultura micaelense e para toda a agricultura nacional". ◆

O presidente da AASM aludiu ainda que em tempos difíceis, como 2008 ou em 2020, na pandemia da Covid-19, a agricultura nunca parou nem nunca parará

MENSAGEM DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Comemoração do 50.º Aniversário da Associação Agrícola de São Miguel

Senhor Presidente da Associação Agrícola de São Miguel,

Caros amigos,
A agricultura, e o sector leiteiro em particular, têm uma importância estratégica para São Miguel e para os Açores. É estruturante da coesão social, ambiental e territorial e tem um peso económico regional significativo, acima da média nacional.

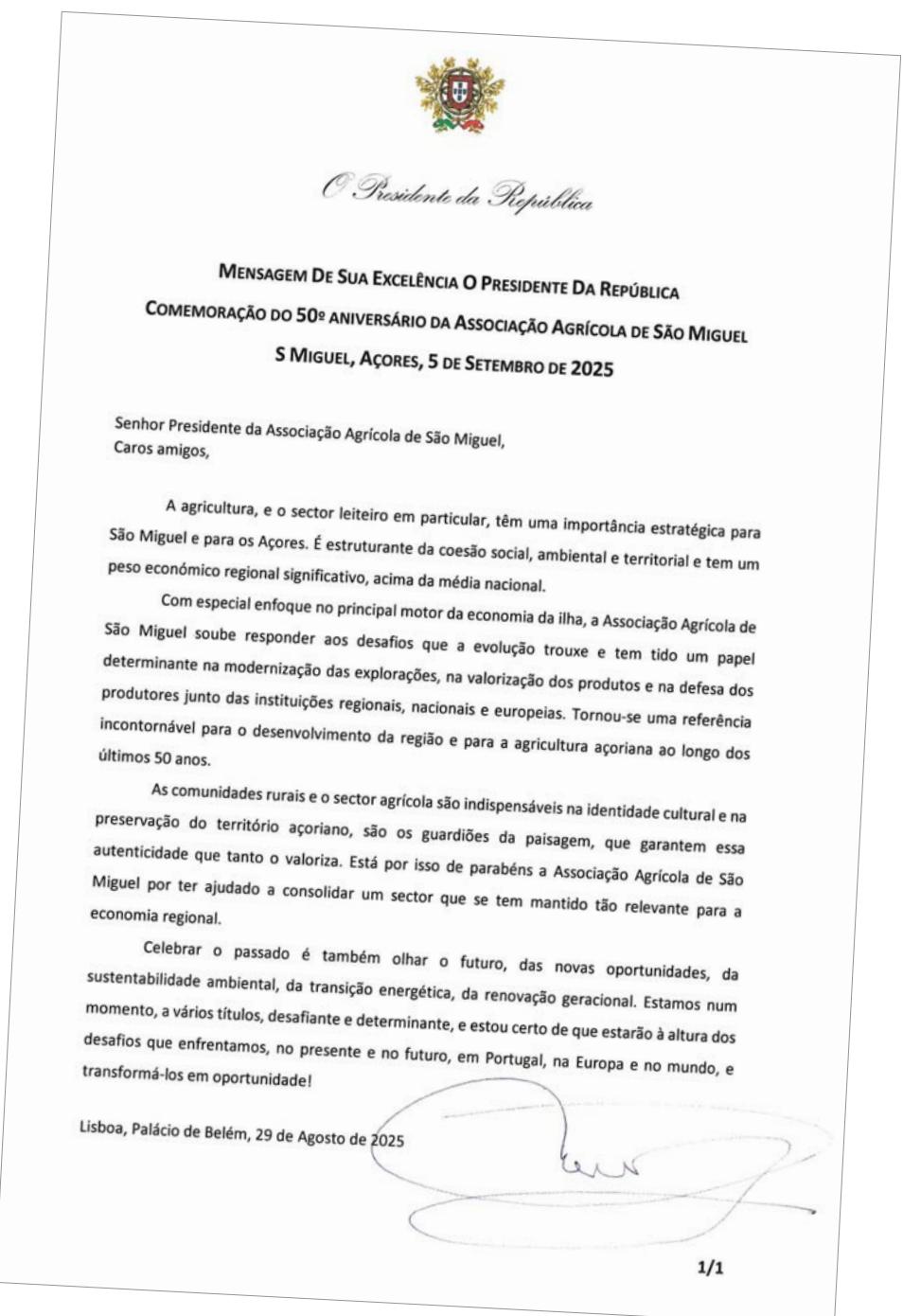
Com especial enfoque no principal motor da economia da ilha, a Associação Agrícola de São Miguel soube responder aos desafios que a evolução trouxe e tem tido um papel determinante na modernização das explorações, na valorização dos produtos e na defesa dos produtores junto das instituições regionais, nacionais e europeias. Tornou-se uma referência incontornável para o desenvolvimento da região e para a agricultura açoriana ao longo dos últimos 50 anos.

As comunidades rurais e o sector agrícola são indispensáveis na identidade cultural e na preservação do território açoriano, são os guardiões da paisagem, que garantem essa autenticidade que tanto o valoriza. Está por isso de parabéns a Associação Agrícola de São Miguel por ter ajudado a consolidar um sector que se tem mantido tão relevante para a economia regional.

Celebrar o passado é também olhar o futuro, das novas oportunidades, da sustentabilidade ambiental, da transição energética, da renovação geracional. Estamos num momento, a vários títulos, desafiante e determinante, e estou certo de que estarão à altura dos desafios que enfrentamos, no presente e no futuro, em Portugal, na Europa e no mundo, e transformá-los em oportunidade! ◆

Lisboa, Palácio de Belém,
29 de Agosto de 2025

MARCELO REBELO DE SOUSA



Associação Agrícola de São Miguel superou “desafios enormes”



Meio século ao serviço da Agricultura

O presidente do Governo Regional dos Açores, **José Manuel Bolieiro**, enalteceu o robusto papel da Associação Agrícola de São Miguel (AASM) ao longo de cinco décadas, período em que se "revelou capaz de superar desafios enormes".

No seu discurso na cerimónia comemorativa do 50.º aniversário da AASM, o presidente do executivo açoriano realçou que o prestígio desta associação agrícola, desde o seu primeiro dia de

funcionamento, sempre teve "muito a ver com a missão".

Não obstante, atualmente, o seu "prestígio regional e nacional tem também muito a ver" com a atual liderança, prosseguiu José Manuel Bolieiro, que aproveitou a ocasião para parabenizar Jorge Rita, destacando a importância que o contributo pessoal do atual presidente da AASM dá à "própria dimensão deste movimento associativo".

"Na tua pessoa, quero saudar

também todos os que fizeram a história, os dirigentes, antigos presidentes, aliás, aqui presentes, que hoje também serão homenageados, a todos os associados, a todos os trabalhadores da Associação e da Cooperativa, bem como a todas as mulheres, homens e famílias, agricultores, lavradores de São Miguel e dos Açores, porque veem na Associação um apoio e, sobretudo, uma instituição amiga da sua dignidade e também do seu rendimento", proferiu o líder do Governo dos Açores.

José Manuel Bolieiro reconheceu ainda o papel do associativismo no fortalecimento do acesso aos mercados. Nesse sentido, enfatizou, em particular, o papel decisivo da AASM na "avaliação do acesso aos mercados, os que têm a ver com fatores de produção e que são necessários adquirir, importar, receber e distribuir a custo justo aos seus associados".

O governante sublinhou também que a AASM contribuiu, de igual modo, para o bem comum nos Açores e em Portugal, partilhando o seu saber "no quadro do associativismo regional, não apenas da ilha de São Miguel, mas com todas as ilhas dos Açores e no quadro nacional".

"Tem sido com base num espírito solidário a atuação da Associação Agrícola. Sim, dar apoio em alimento animal a quem mais precisava, fosse em São Miguel e qualquer outra ilha dos Açores ou no continente português é revelador de carácter", referiu.

Apesar de reconhecer a extrema importância do setor, o presidente do executivo açoriano admite que a agricultura enfrenta grandes desafios. Porém, reitera que a Região Autónoma dos Açores conta com os agricultores açorianos.

"Nós contamos com os nossos agricultores, com os nossos lavradores e com essa capacidade progressiva da autonomia alimentar nos Açores inteiros, não apenas em São Miguel e no mercado regional, entre a circulação dos nossos produtos pelas ilhas, com produtos de excelência. É por isso que sim, é um orgulho. E os desafios são



muitos, desde logo porque é preciso continuar a aumentar a produção alimentar mundial", declarou José Manuel Bolieiro.

Além disso, apontou, por exemplo, o desafio da sustentabilidade ambien-

tal. "A sustentabilidade ambiental é sobretudo um elemento da própria ação agrícola, isto porque parte da nossa sustentabilidade ambiental tem sido assegurada exatamente pela atividade agrícola e nós, enquanto geração beneficiária dessa atividade, só podemos agradecer. O outro desafio é o da alteração climática, que penaliza a expectativa, a previsibilidade, o rendimento, o produto do setor agrícola", explicou José Manuel Bolieiro.

E acrescentou: "É bom que estejamos atentos a estas matérias para, com a Associação Agrícola de São Miguel, com o movimento associativo nos Açores e no país, podermos atender a esta referência. Os desafios da inovação e da tecnologia que devem estar disponíveis para a produtividade do nosso setor agrícola".

O governante terminou o seu discurso com nova felicitação ao 50.º aniversário da AASM. "Viva a Associação Agrícola de São Miguel, vivam os agricultores, viva a nossa agricultura, vivam os Açores", concluiu José Manuel Bolieiro. ◆

A AASM contribuiu para o bem comum nos Açores e em Portugal, partilhando o seu saber "no quadro do associativismo regional, não apenas de São Miguel, mas com todas as ilhas dos Açores e no quadro nacional"

“Desenganem-se aqueles que julgam que a agricultura é uma atividade do passado”



Meio século ao serviço da Agricultura



O presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores (ALRAA), **Luís Garcia**, defendeu a importância de valorizar a agricultura e de apresentar aos jovens como "uma profissão moderna, digna e essencial".

"Desenganem-se aqueles que julgam que a agricultura é uma atividade do passado. Uma atividade que tem terrenos de excelência, que cuida do nosso território, que é determinante para contrariar o despovoamento e que produz alimentos e, no nosso caso, de qualidade e sustentáveis, só pode ter muito futuro e constituir caminho para os jovens", afirmou, na gala comemorativa do 50.º aniversário da Associação Agrícola de São Miguel (AASM).

Para Luís Garcia, é "prioritário passar essa imagem aos nossos jovens", transmitindo a ideia de que a agricultura é "uma profissão moderna, digna e essencial". Nesse sentido, considera fundamental "atrair e apoiar os que queiram abraçar a agricultura, oferecendo condições de segurança económica, incentivos à instalação, apoio à formação e acesso às tecnologias mais recentes".

No discurso, o presidente da ALRAA destacou o percurso da agricultura açoriana nas últimas cinco décadas, asso-



ciando-o também à sua própria experiência familiar. "Sou filho de um agricultor e, desde muito cedo, aprendi o valor do trabalho agrícola. Lembro-me de, em criança, acompanhar o meu pai às lides agrícolas: de acordar cedo para ir à ordenha antes de ir para a escola, transportado num cavalo, senti o frio das madrugadas do inverno e de aquecer as mãos com os primeiros jatos de leite", recordou.

Luís Garcia acrescentou que "a agricultura é muito mais do que produzir alimentos", representando também "disciplina, resiliência, cuidado com a terra e com os animais, respeito pela natureza e, acima de tudo, o sustento e a esperança de tantas famílias".

O presidente da ALRAA sublinhou ainda que o setor agrícola tem sido determinante para moldar a identidade coletiva dos Açores, gerando emprego, estruturando o território e projetando a região para além das suas nove ilhas. "Celebramos e reconhecemos um modo de vida que molda a nossa identidade coletiva, que gera emprego, estrutura o território e confere aos Açores uma projeção que vai muito além das nossas nove ilhas", disse.

A propósito do 50.º aniversário da AASM, Luís Garcia destacou o papel da associação ao longo das últimas décadas, salientando o contributo no apoio



“

A agricultura é muito mais do que produzir alimentos", representando também "disciplina, resiliência, cuidado com a terra"

aos agricultores, na promoção da inovação e na defesa dos interesses do setor. Referiu ainda o trabalho do presidente da instituição, Jorge Rita, cuja liderança considerou "decisiva para consolidar o sucesso e a estabilidade da associação e do setor".

"Celebrar 50 anos da Associação Agrícola de São Miguel é igualmente assinalar o percurso de sucesso que a agricultura açoriana fez nesse período e o de tantas famílias açorianas que, dia após dia, fazem desta atividade a sua vida", enfatizou.

Apesar da evolução verificada, o presidente do parlamento açoriano alertou para os desafios que o setor enfrenta. "Falar de agricultura é permanentemente falar de desafios", realçou, enumerando as alterações climáticas, as exigências da sustentabilidade, as mudanças nos mercados globais e a necessidade de assegurar a viabilidade económica e social das explorações agrícolas.

Como prioridades, apontou a valorização dos produtos regionais, defendendo que o reconhecimento da sua qualidade "deve chegar a todas as fileiras".

Luís Garcia concluiu o discurso apelando ao trabalho conjunto entre instituições, governantes e agricultores. "O caminho é de trabalho, muito trabalho, como sempre foi. Que esta celebração seja também um compromisso renovado de continuarmos a trabalhar juntos. Assim seremos capazes de ultrapassar desafios e fazer conquistas. Tenho esperança que assim será", concluiu. ◆

Ministro da Agricultura defende continuidade do POSEI



O ministro da Agricultura e Mar, **José Manuel Fernandes**, afirmou que o programa POSEI é "importantíssimo" para os Açores e garantiu que o Governo da República fará tudo para assegurar a sua manutenção no próximo Quadro Financeiro Plurianual da União Europeia.

"O POSEI é importantíssimo, com os cerca de 77 milhões de euros por

ano. Agora há aqui algo importante. O POSEI não é um favor à região. A Política de Coesão não são esmolas nem é um favor", declarou, na cerimónia dos 50 anos da Associação Agrícola de São Miguel (AASM), realizada no Parque de Exposições de São Miguel.

Segundo o governante, o programa comunitário resulta das especificidades das regiões ultraperiféricas e deve ser

protegido. "Tudo faremos para que os montantes se mantenham, para que o POSEI se mantenha, assim como aquilo que é o FEADER [Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural] que dá origem ao PEPAC [Plano Estratégico da Política Agrícola Comum]", disse.

José Manuel Fernandes recordou que as conclusões do Conselho Europeu de 2024 asseguraram estabili-

dade no financiamento do setor. "No fundo demos segurança ao envelope financeiro, que não vão poder mexer nele no que diz respeito à agricultura em mais de 80%", explicou.

Apesar desta garantia, o ministro alertou para riscos na Política Agrícola Comum (PAC). "Temos uma política agrícola comum que corre o risco de ser destruída e de virmos a ter políticas nacionais agrícolas diferentes", avisou, criticando a possibilidade de os Estados-membros reforçarem apoios com verbas dos respetivos orçamentos nacionais.

"Está-se a dizer aos mais ricos que vão poder destruir os mais pobres, porque eles têm dinheiro do Orçamento de Estado para colocarem nos respetivos envelopes nacionais. Vão existir conflitos entre Estados-membros desnecessários", realçou, defendendo que "aquilo que funciona bem, e pode ser melhorado, nunca devia ser alterado".

O ministro advertiu ainda para a necessidade de evitar retrocessos: "Espero que não haja um retrocesso na Política Agrícola Comum, para depois dizermos 'fizemos asneira e devemos voltar atrás'".

Na sua intervenção, José Manuel Fernandes destacou também a relevância estratégica da agricultura, sublinhando que "é segurança alimentar, é defesa, é inovação, é investigação, é coesão territorial, é indústria e é emprego que queremos que seja bem remunerado e que atraia os jovens".

Defendeu igualmente a importância da cooperação institucional. "A nossa solidariedade e o nosso objetivo onde todos somos importantes: o Governo Regional, o primeiro-ministro, os eurodeputados e também o presidente do Conselho Europeu, que por acaso é português, e que tem neste domínio responsabilidades e, estando nas funções, será ele que vai levar a proposta para aprovação por unanimidade", afirmou.

José Manuel Fernandes considerou ainda fundamental reduzir a burocracia que afeta os agricultores. "Os agricultores não podem ser ocupados a preencher papéis quando devem estar a trabalhar a terra. Temos excelentes funcionários na administração pública, mas também alguns que procuram



A agricultura “é segurança alimentar, é defesa, é inovação, é investigação, é coesão territorial, é indústria e é emprego que queremos que seja bem remunerado e que atraia os jovens”

empatar, encravar e olhar para os projetos para ver como é que os podem chumbar, quando deviam olhar para os projetos e verem como é que os podem aprovar", referiu.

O ministro lembrou apoios recentes ao setor, como os 16 milhões de euros para evitar rateios, e anunciou medidas de simplificação na legislação relativa à sanidade animal, em colaboração com o Governo Regional dos Açores.

Na ocasião, deixou também palavras de reconhecimento à AASM e ao seu presidente, Jorge Rita. "Foi crescendo com persistência, resistência, visão, lealdade institucional, mas também com reivindicação justa", vincou, acrescentando que a associação "é exemplo de cooperação e defesa dos agricultores".

Garantindo que os Açores podem contar com a solidariedade do executivo, José Manuel Fernandes concluiu que a agricultura "continua a enfrentar desafios, mas também oportunidades", e assegurou que o Governo manterá o compromisso com a competitividade, a coesão territorial e a sustentabilidade do setor. ◆

Presidente da CAP apela a articulação para preservar regras do POSEI



O presidente da Confederação dos Agricultores de Portugal (CAP), **Álvaro Mendonça e Moura**, apelou ao presidente do Governo Regional dos Açores, José Manuel Bolieiro, para, em articulação com o Governo da República, garantir a defesa do POSEI e a preservação das regras do programa comunitário.

"Temos de conseguir preservar as regras que existem hoje, sob pena de o dinheiro depois se escapar por buracos que ninguém faz ideia", afirmou, na gala comemorativa do 50.º aniversário da Associação Agrícola de São Miguel (AASM).

Álvaro Mendonça e Moura realçou a importância de uma posição firme



de Portugal nas negociações europeias. "É este apelo muito forte que eu deixo aqui também ao Governo Regional, que se articule com o Governo da República e que os dois governos tenham coragem para dizer não quando for preciso dizer não. Temos que ter esta coragem. Precisamos de vozes em Bruxelas", referiu, destacando o papel do eurodeputado Paulo Nascimento Cabral, que "tem tido um papel muito ativo na defesa justamente do POSEI e do futuro".

O presidente da CAP sublinhou que os agricultores querem ser escutados antes da definição das medidas. "Os agricultores não querem tomar as decisões políticas. Isso compete aos governantes eleitos. O que nós queremos é ser ouvidos previamente. O que nós queremos é que nos escutem, que escutem as nossas contribuições", disse, acrescentando que "às vezes, perguntamo-nos, mas o que é que custava terem-nos ouvido antes? Desculpem-me a expressão, mas evitava-se tanta borrada".

Na sua intervenção, Álvaro Mendonça e Moura salientou o papel da AASM ao longo das últimas cinco décadas, destacando o contributo da associação para o movimento agrícola nacional. "Não é a Associação que deve



à CAP, é a CAP que deve à Associação Agrícola de São Miguel", asseverou.

O responsável destacou o trabalho de Jorge Rita, presidente da AASM, lembrando que integra a direção da CAP. "Posso-vos dizer uma coisa: não há hoje nenhuma decisão importante do ponto de vista político que a CAP tome que não passe pela auscultação prévia do Jorge Rita", afirmou, assegurando que "enquanto estiver na CAP, o Jorge não sai".

O dirigente da CAP elogiou o papel da associação na promoção da agricultura junto das novas gerações. "O papel da Associação, o que faz com as milhares de crianças no dia da agricultura, não é menos importante do que o serviço que presta todos os dias, porque é isso que prepara o futuro. É isso que permite atrair jovens para a agricultura. É isso que consiste em procurar a renovação geracional", afirmou.

Recordou ainda o apoio prestado pela AASM a agricultores vítimas dos incêndios em Portugal continental. "Quando se começou a perceber a extensão dos fogos, o Jorge foi dos primeiros a ligar e a dizer 'digam o que precisam que nós fazemos chegar'. Foi dos primeiros a fazer chegar a ajuda aos agricultores que ficaram sem nada para dar de comer aos ani-

“

**Não há hoje nenhuma decisão importante do ponto de vista político que a CAP tome que não passe pela auscultação prévia do Jorge Rita.
Enquanto estiver na CAP, o Jorge não sai”**

mais. Foi a vossa Associação que fez isto", declarou.

Álvaro Mendonça e Moura referiu também o envolvimento da associação no projeto Rural Media, criado para aproximar a agricultura da sociedade através de um novo canal multimédia. "Mais uma vez a Associação Agrícola de São Miguel foi das primeiras a dar um passo em frente", frisou.

Sobre o futuro, o presidente da CAP considerou que o setor enfrenta um contexto de instabilidade internacional e desafios nas negociações do próximo orçamento europeu. "Temos um desafio enorme nos próximos ano e meio para discutir o que vai ser o próximo orçamento da União Europeia, o que vai ser o apoio à nova política agrícola comum. Precisamos de estar unidos nisto", disse.

Concluiu reiterando a importância da AASM para o setor. "Estamos aqui para celebrar os 50 anos, mas o importante é que continuaram a defender os interesses dos agricultores mesmo com a cooperativa. O que nem sempre acontece no país. E é isto um motivo de orgulho. Felicito, em nome de todos os agricultores de Portugal, os agricultores de São Miguel, a Associação Agrícola de São Miguel e, muito particularmente, o Jorge Rita", afirmou. ♦



Meio século ao serviço da Agricultura



Engineering
for a better
world.



Sala de ordenha

Herringbone Parlor EuroClass 850

Os clássicos de sucesso do presente e do futuro



“Jorge Rita não é apenas um líder, é um verdadeiro defensor da agricultura açoriana com dimensão nacional”



O presidente da Assembleia Geral da Associação Agrícola de São Miguel (AASM), Eugénio Câmara, destacou o contributo de Jorge Rita para a agricultura açoriana, bem como o seu papel ao longo de mais de duas décadas à frente da associação.

"Jorge Rita não é apenas um líder, é um verdadeiro defensor da agricultura açoriana com dimensão nacional, da valorização dos nossos produtos e do fortalecimento da comunidade agrícola", afirmou na gala que assinalou os 50 anos da instituição, que decorreu a 5 de setembro no Parque de Exposições de São Miguel.

"Nesta celebração, não podemos deixar de prestar uma homenagem especial a um homem que está profundamente ligado à vida desta Associação - Jorge Rita, que durante 23 anos presidiu esta instituição, guiando-a com visão, coragem e compromisso", realçou Eugénio Câmara

na homenagem surpresa ao presidente da AASM.

"Após todas as homenagens que foram feitas, formalmente, venho aqui, em nome dos corpos sociais e dos sócios da Associação Agrícola de São Miguel em geral, fazer um reconhecimento. É com enorme honra que hoje nos reunimos para celebrar os 50 anos da Associação Agrícola de São Miguel, meio século de história, trabalho e dedicação à agricultura e à nossa comunidade", acrescentou.

No seu discurso, destacou também o trabalho desenvolvido por Jorge Rita ao longo do seu mandato. "Ao longo de mais de duas décadas, trabalhou incansavelmente para melhorar as condições dos agricultores, promover a sustentabilidade, apoiar os jovens na entrada do setor, representar os Açores em fóruns regionais e nacionais", enumerou.

Para Eugénio Câmara, "a sua liderança representa uma marca que vai muito para além dos seus cargos e funções; é um exemplo de dedicação, paixão, serviço à terra e às pessoas; é um legado que ficará para sempre gravado na história da nossa associação".

E terminou com palavras de agradecimento: "Em nome da Associação e da direção e dos sócios da Associação, manifestamos o nosso mais profundo agradecimento. Obrigado, Jorge, por 23 anos dessa entrega dedicada. Que o teu percurso continue a inspirar as novas gerações de agricultores e líderes. Assim celebramos não só os 50 anos da Associação, mas também a dedicação de um homem que tornou esses anos ainda mais memoráveis. Continuamos a contar contigo Jorge. Muito obrigado a ti e à tua família que te apoiou nesse percurso". ◆

Homenageados

dos 50 anos Associação Agrícola de São Miguel



No âmbito das comemorações do cinquentenário da Associação Agrícola de São Miguel (AASM), a instituição prestou homenagem a associados, dirigentes, personalidades do setor agrícola e responsáveis políticos que, ao longo dos últimos cinquenta anos, deram um contributo relevante para a consolidação da Associação e para o desenvolvimento da agricultura micaelense e açoriana.

Entre os homenageados estiveram, desde logo, os sócios com 50 anos de ligação à casa. Dos 604 agricultores que aderiram à instituição em 1975, sete mantiveram até hoje o vínculo associativo, tendo sido reconhecidos pelo seu empenho, confiança e espírito de união desde a fundação. Foram distinguidos António Manuel Cabral da Ponte, Armando Botelho Henrique, Armando Soares Cordeiro, Gilberto Jacinto dos Santos, João do Rego Pavão, José Tavares Casaca e Maximino Sousa Galvão.

A Associação atribuiu igualmente homenagens de Mérito Empresarial e Profissional, a título póstumo, a personalidades que marcaram de forma indelével o setor agrícola pelo seu trabalho, dedicação e saber acumulado. Foram homenageados Dionísio Raposo Leite, Francisco Amâncio de Oliveira Macedo, Humberto Silva, Manuel Joaquim da Costa Leite, Mário da Silva Almeida e Miguel Alves Medeiros Diogo.

No decurso da cerimónia foi ainda atribuído o Prémio Carreira a Luís Nuno Ponte Neto de Viveiros, em reconhecimento de um percurso profissional profundamente ligado à valorização da agricultura micaelense e açoriana, bem como de um contributo continuado para o desenvolvimento do setor ao longo de várias décadas.

No plano institucional, a AASM prestou uma homenagem à Confederação dos Agricultores de Portugal, assinalando a relação de cooperação mantida ao longo dos anos em defesa dos agricultores e da agricultura nacional e regional, num momento de particular significado pela ligação direta entre as duas instituições.



António Manuel Cabral da Ponte

Associado há 50 anos



Armando Botelho Henrique

Associado há 50 anos



Armando Soares Cordeiro

Associado há 50 anos



Gilberto Jacinto dos Santos

Associado há 50 anos



João do Rego Pavão

Associado há 50 anos



José Tavares Casaca

Associado há 50 anos



Maximino Sousa Galvão

Associado há 50 anos



Dionísio Raposo Leite

Por Mérito Empresarial e Profissional



Francisco Amâncio de Oliveira Macedo

Por Mérito Empresarial e Profissional

Foi igualmente prestado reconhecimento aos antigos presidentes da direção da AASM, cujo trabalho e liderança foram determinantes para a consolidação, crescimento e prestígio da instituição. Foram homenageados António Maria Correia do Carmo, a título póstumo, Paulo Alberto Moniz Teves, António de Oliveira Cymbron, José Francisco Almeida Barbosa e

Manuel António Oliveira Martins, representantes de diferentes etapas da história associativa.

As comemorações incluíram ainda uma homenagem aos antigos Presidentes do Governo dos Açores, pelo contributo dado ao desenvolvimento da Região e pelo apoio prestado ao setor agrícola ao longo dos anos. Foram distinguidos João Bosco



Humberto Silva

Por Mérito Empresarial
e Profissional



**Manuel Joaquim
da Costa Leite**

Por Mérito Empresarial
e Profissional



Mário da Silva Almeida

Por Mérito Empresarial
e Profissional



Miguel Alves Medeiros Diogo

Por Mérito Empresarial
e Profissional



**Luís Nuno Ponte
Neto de Viveiros**

Prémio Carreira



**António Maria Correia
do Carmo**

Antigo Presidente da Associação
Agrícola de São Miguel



Paulo Alberto Moniz Teves

Antigo Presidente da Associação
Agrícola de São Miguel



**António de Oliveira
Cymbron**

Antigo Presidente da Associação
Agrícola de São Miguel



**José Francisco
Almeida Barbosa**

Antigo Presidente da Associação
Agrícola de São Miguel



**Manuel António
Oliveira Martins**

Antigo Presidente da Associação
Agrícola de São Miguel



João Bosco Mota Amaral

Antigo Presidente
do Governo dos Açores



**Alberto Romão
Madruga da Costa**

Antigo Presidente
do Governo dos Açores



**Carlos Manuel Martins
do Vale César**

Antigo Presidente
do Governo dos Açores



Vasco Alves Cordeiro

Antigo Presidente
do Governo dos Açores



José Manuel Bolieiro

Presidente
do Governo dos Açores



Álvaro Mendonça e Moura

Presidente
Confederação de Agricultores
de Portugal

Mota Amaral, que exerceu funções entre 1976 e 1995, Alberto Romão Madruga da Costa, que exerceu funções entre outubro de 1995 e novembro de 1996 (a título póstumo), Carlos Manuel Martins do Vale César, entre 1996 e 2012, e Vasco Alves Cordeiro, entre 2012 e 2020.

Nesta data simbólica, a AASM prestou também uma homenagem ao

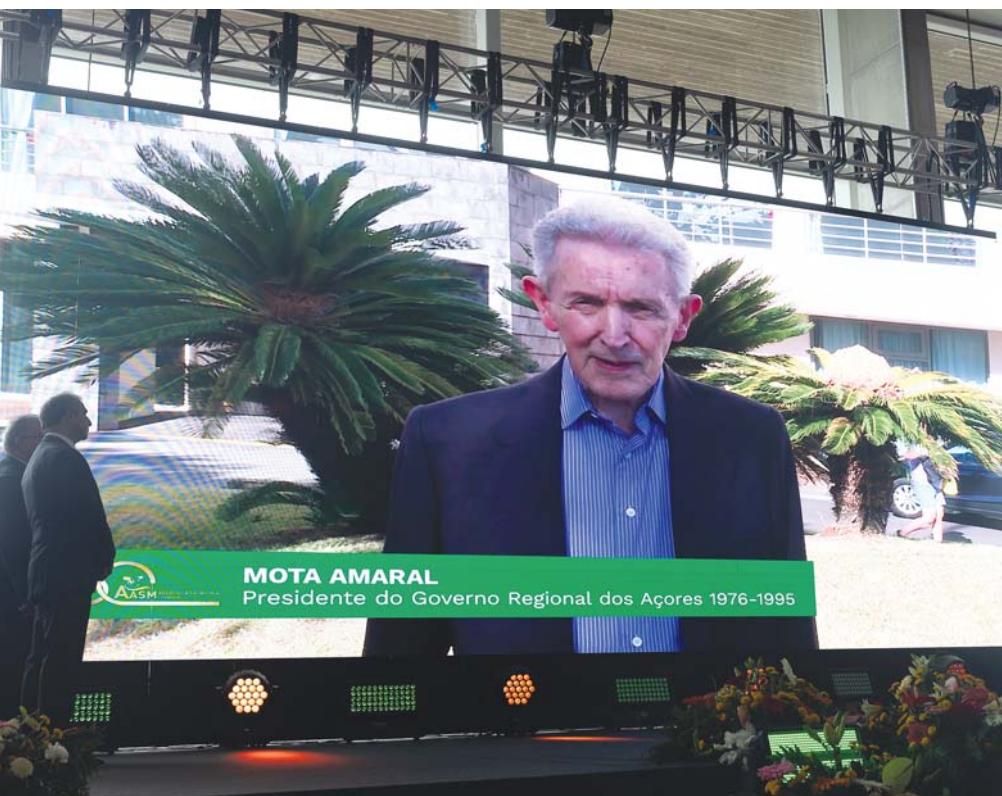
Presidente do Governo dos Açores, José Manuel Bolieiro, em funções desde 2020, reconhecendo o trabalho desenvolvido em articulação com a Associação e o acompanhamento das principais matérias relacionadas com o setor agrícola regional.

A gala comemorativa dos 50 anos da AASM contou com a apresentação do humorista Herman José, cuja pre-

sença contribuiu para um ambiente simultaneamente solene e descontraído, assinalando a importância histórica da efeméride.

Importa referir que os testemunhos recolhidos no âmbito destas comemorações correspondem aos homenageados presentes que manifestaram disponibilidade para colaborar. ◆

“A Associação Agrícola de São Miguel afirma-se como um parceiro permanente e de confiança”



João Bosco Mota Amaral sublinhou que a Associação Agrícola de São Miguel "afirma-se como um parceiro permanente e de confiança na definição e execução das políticas públicas sobre a agricultura na nossa ilha de São Miguel".

Na sua intervenção em vídeo na gala

“

A Associação Agrícola “tem estado sempre na primeira linha da defesa dos interesses dos agricultores na nossa ilha de São Miguel”

do 50.º aniversário da AASM, o antigo presidente do Governo Regional dos Açores recordou "com saudade" aqueles que "criaram a Associação há 50 anos e a conduziram nos primeiros anos, no meio da confusão existente, e sempre com mão certeira".

Mota Amaral salientou o papel da AASM na defesa do setor: "A Associação Agrícola tem tido um papel importantíssimo, porque tem estado sempre na primeira linha da defesa dos interesses dos agricultores na nossa ilha de São Miguel e na afirmação da agricultura como um elemento identitário dos Açores".

Na ocasião, o antigo governante destacou também a importância do trabalho dos agricultores que "com a sua atividade extenuante e sacrificada, são criadores de paisagem e com isso fazem mais bela a nossa ilha de São Miguel".

E prosseguiu: "Pude ver já, em algumas ilhas por este mundo fora, o que acontece quando os campos ficam incultos por causa do turismo predador. Espero que isso não aconteça entre nós".

Referindo-se ao papel da associação no contexto europeu, Mota Amaral afirmou que "vencido o nosso isolamento antigo e bem inserida na dinâmica europeia em que os Açores também estão inseridos, [a AASM] tem estado atenta às questões de solidariedade e marca uma presença açoriana, agora, recentemente ainda, no combate às consequências dos fogos este ano em Portugal, dos maiores nos últimos anos".

O antigo presidente do Governo dos Açores terminou a sua mensagem felicitando a instituição: "Por isso, merece parabéns. E parabéns, também, à Associação e a todos os seus associados pelos 50 anos da vida da Associação da Ilha de São Miguel". ◆

“Nenhum outro setor como o da agricultura tipifica a nossa condição como região produtiva”



Carlos César afirmou, no 50.º aniversário da Associação Agrícola de São Miguel (AASM), que "nenhum outro setor como o da agricultura tipifica a nossa condição como região produtiva".

"Numa Região como a nossa, por mais que nos pareça que outros setores emergentes se afiguram mais remuneradores e mais contributivos para a nossa inserção competitiva, a verdade, que é também histórica, é que nenhum outro setor como o da agricultura tipifica a nossa condição como região produtiva", salientou o antigo presidente do Governo dos Açores, na sua mensagem de vídeo transmitida na gala dos 50 anos da AASM.

O antigo governante destacou o contributo dos agricultores açorianos ao longo das décadas: "Como político e como cidadão, sinto-me devedor de sucessivas gerações de agricultores e de lavradores



que, com sacrifício, com constância, recomeçaram tantas vezes quantas foram necessárias, depois de pandemias, pragas, intempéries e calamidades, desbravando, criando e produzindo".

Recordando a construção da atual sede da AASM, Carlos César sublinhou que foi "justamente neste lugar, onde se comemora o 50.º aniversário da Associação Agrícola de São Miguel, quando lancei a primeira pedra em janeiro de 2012 e anunciei o finan-

mento deste empreendimento, que viria a ser inaugurado dois anos e tal depois, salientei que os nossos agricultores são dos mais qualificados empresários e investidores que nós temos".

Carlos César realçou o papel da AASM no desenvolvimento do setor agrícola açoriano. "Sem um movimento associativo e sem esta Associação em especial, os Açores não teriam conseguido superar os desafios e aliviar os problemas de natureza estrutural e conjuntural de forma bem-sucedida".

Na sua intervenção, defendeu ainda que a associação deve continuar a ser "um parceiro independente, cúmplice da boa governação dos Açores e não de qualquer governo regional em especial".

Carlos César terminou a sua mensagem felicitando a instituição e os seus associados: "Parabéns a todos os que a fizeram e a fazem, laboriosa e respeitada". ◆



RESTAURANTE DA
ASSOCIAÇÃO
AGRÍCOLA

Faça já a sua
RESERVA

ABERTO TODOS OS DIAS
12:00 ÀS 22:00

RESTAURANTE ASSOCIAÇÃO AGRÍCOLA



RESERVAS POR TELEFONE

296 490 001 / 925 248 307 / 926 385 995

WWW.RESTAURANTEAASM.COM



/RESTAURANTEAASM

“A Associação Agrícola de São Miguel é um parceiro inquestionável do desenvolvimento da agricultura micaelense e açoriana”



Vasco Cordeiro realçou que a Associação Agrícola de São Miguel (AASM) tem estado "ao serviço da agricultura micaelense, da agricultura dos Açores".

Na mensagem de vídeo apresentada na gala do 50.º aniversário da AASM, o antigo presidente do Governo dos Açores defendeu que a associação contribuiu para o desenvolvimento da Região e que "o estado da agricultura dos Açores tem também a marca indelével da Associação Agrícola de São Miguel, do seu trabalho, do seu empenho, do seu esforço".

Constituída em 1975 como Associação Agrícola do Distrito de Ponta Delgada, a instituição adotou a designação atual em 1984. Vasco Cordeiro recordou que, ao longo de 50 anos, a AASM foi "não só testemunha, mas também protagonista de medidas que mudaram por completo a face da agricultura micaelense e da agricultura açoriana".

O antigo governante apontou várias áreas em que a associação desempenhou um papel ativo, enfatizando as "profundas alterações ao nível da propriedade fundiária", o "aumento da dimensão das explorações agrícolas", o que foi feito quanto "à quase inacreditável capacidade de produção de leite, até ao aumento da qualidade dessa produção e das condições em que esse produto é produzi-



do", e a aposta na genética, no manejo e no cuidado com os animais.

"Em todas essas medidas e em tantas outras, a Associação Agrícola de São Miguel foi proponente, foi aperfeiçoadora, foi contestataria em alguns casos, reivindicativa, mas sempre uma instituição profundamente engajada e comprometida com o desenvolvimento do setor agrícola, com a dignidade e com o rendimento dos agricultores", afirmou.

Vasco Cordeiro destacou ainda a importância da liderança da AASM e do envolvimento dos seus associados: "Ao longo destes 50 anos, esta instituição soube dotar-se de lideranças carismáticas, mobilizadoras, que interpretaram de forma exemplar aquilo que eram as necessidades dos seus associados e aquela que era a sua visão para o

futuro desse setor tão importante para a economia regional."

No final da mensagem, dirigiu uma saudação aos dirigentes da AASM e aos seus associados: "Quero dirigir uma saudação especial, as felicitações ao presidente da Assembleia Geral, Eugênio Câmara, ao presidente do Conselho de Administração, Jorge Rita, ao presidente do Conselho Fiscal, Paulo Cruz. Através deles, uma saudação e as felicitações a todos os associados da Associação Agrícola de São Miguel".

Vasco Cordeiro expressou ainda votos para que a instituição continue a ser "intérprete fiel daqueles que são os anseios e os desejos dos seus associados e um parceiro inquestionável do desenvolvimento da agricultura micaelense e da agricultura açoriana". ◆

Luís Neto de Viveiros destaca papel decisivo da Associação Agrícola de São Miguel no desenvolvimento do setor agrícola açoriano



O antigo secretário regional da Agricultura, **Luís Nuno Neto de Viveiros**, afirmou que a Associação Agrícola de São Miguel (AASM) teve "um papel fundamental" na consolidação da produção leiteira e na definição de políticas para o desenvolvimento do setor agrícola regional. A afirmação foi feita no âmbito das comemorações dos 50 anos da AASM, durante as quais recebeu o Prémio Carreira.

A este propósito, agradeceu o

reconhecimento feito na gala dos 50 anos da AASM, salientando "a elevada bondade das palavras que foram proferidas" a seu respeito.

O ex-vogal da direção do Instituto de Alimentação e Mercados Agrícolas (IAMA) recordou o início da sua carreira profissional, há mais de quatro décadas, quando "a AASM era uma criança", mas já exercia "um papel preponderante e muito relevante na agricultura de São Miguel".

"Ao longo da minha carreira, tanto no desempenho das funções de diretor do Serviço de Desenvolvimento Agrário, como de secretário regional e, mais tarde, como vogal da direção do IAMA, tive o privilégio de estar em permanente contacto com a AASM, que foi sempre um parceiro privilegiado em tudo aquilo que nós, ao longo desses anos, e foram muitos, fomos fazendo", realçou.



No início da sua atividade profissional, lembra que a Região se encontrava no processo de adesão à União Europeia (UE), "na construção das quotas leiteiras", elucidando que "na altura, a produção leiteira regia-se por quotas e tínhamos produções muito baixas na Região, cerca de um terço do que se produz hoje, ou talvez menos".

Segundo Luís Nuno Neto de Viveiros, "o primeiro projeto importante foi consolidar a produção, no sentido de permitir uma boa negociação para termos uma boa quota para a Região", destacando que "a Associação Agrícola foi um parceiro fundamental".

Para Neto de Viveiros, aquando da adesão de Portugal à UE, "a Associação Agrícola foi um parceiro importante na construção e na definição das prioridades, para que todos os projetos de investimento tivessem sucesso. E tiveram. Permitiram a mecanização das explorações, o seu redimensionamento, bem como projetos de abastecimento de água e de fornecimento de energia elétrica".

Recordou também a luta contra a brucelose, que "era, de facto, um flagelo nessa altura, mas, felizmente, com muito sacrifício dos agricultores", foi



Meio século ao serviço da Agricultura

ciação ímpar na Região, diria mesmo no país, dada a sua dimensão e o impacto que tem junto dos agricultores desta ilha."

Comparando o passado com o presente, observou: "A Associação Agrícola funcionava num pequeno gabinete, em que até a direção só tinha uma mesa de trabalho para todos. Hoje tem cooperativa agrícola, fábrica de rações, farmácia, restaurante e serviços veterinários e de inseminação."

E prosseguiu: "Hoje, a AASM é um parceiro privilegiado da sociedade micaelense".

O ex-secretário regional deixou ainda uma mensagem de reconhecimento aos agricultores: "Queria fazer um reconhecimento público pela resiliência, pela resistência, pela dedicação que têm dedicado a este sector, e pela forma como se adaptaram aos vários desafios que foram surgindo ao longo do tempo."

Aos jovens, aconselhou a apostar na qualificação: "A melhor mensagem que posso deixar é que adquiram uma formação técnica muito sólida e sigam o exemplo da geração que vai à frente".

Sobre o futuro do setor, elencou os desafios ambientais e de mercado: "Estamos confrontados com desafios novos, que se prendem com as questões ambientais, as pegadas ecológicas, o bem-estar animal. É preciso respeitar estes fatores, que são valorizados pelos consumidores."

Luís Nuno Neto de Viveiros referiu ainda a necessidade de atualização do programa POSEI: "O POSEI foi definido há 30 ou 40 anos com determinado orçamento e nunca mais foi alterado. É preciso que as forças vivas se unam para que esse orçamento possa aumentar."

No final, deixou um reconhecimento público a Jorge Rita: "O Sr. Jorge Rita anda aqui há mais de 25 anos, o que significa que ele teve papel preponderante em mais de metade da vida da Associação Agrícola. É, penso eu, o dirigente associativo na área da agricultura mais antigo do país, com mais sabedoria e impacto nas decisões que se tomam a nível nacional. Quero felicitá-lo e desejar-lhe o maior sucesso para os anos vindouros". ◆

possível "debelar" e, por isso, "hoje a Região é isenta de brucelose", salientou.

Além disso, enquanto secretário regional da Agricultura, apontou uma "profunda revisão do POSEI, que permitiu encarar estas ajudas de uma forma mais eficaz, eficiente e justa, também com a participação da AASM com os vários componentes, tanto na área da produção de leite, como da produção de carne e da diversificação".

Quanto ao significado do prémio, considerou-o um símbolo da colaboração de décadas com a AASM: "Foi uma distinção que me sensibilizou bastante e que percecionei como um reconhecimento dessa proximidade que tivemos ao longo de todos estes anos em projetos muito importantes para a Região e para a Ilha de São Miguel."

O antigo responsável destacou também o seu envolvimento na construção da atual sede da AASM. "Foi um projeto algo controverso, porque era de uma dimensão enorme. (...) Na altura não se falava que isto seria a sede da Associação Agrícola. Felizmente foi assim, porque este edifício é, de facto, uma obra espetacular e se não fosse a Associação Agrícola a

“

Jorge Rita
“é, penso eu,
o dirigente associativo
na área da agricultura
mais antigo do país,
com mais sabedoria
e impacto nas
decisões que se tomam
a nível nacional”

geri-lo, não teria a dinâmica que atualmente tem nas suas variadíssimas valências", frisou.

Referindo-se à liderança de Jorge Rita, Luís Nuno Neto de Viveiros realçou a evolução da instituição: "Tive o privilégio de trabalhar com vários presidentes e, em particular, com o Sr. Jorge Rita, que já cá está há muitos anos como presidente. É uma asso-

“Jorge Rita foi a pessoa certa no momento de transição do passado para o presente e para o futuro”



Nos 50 anos da Associação Agrícola de São Miguel, o antigo presidente Manuel António Martins fez um balanço dos nove anos em que esteve à frente da instituição, recordando os principais desafios da lavoura micaelense, as conquistas alcançadas e o papel de Jorge Rita no fortalecimento do setor agrícola açoriano.

“Jorge Rita foi a pessoa certa no momento de transição do passado para o presente e para o futuro”. A afirmação é de **Manuel António Martins**, antigo presidente da Associação Agrícola de



Meio século ao serviço da Agricultura

São Miguel (AASM), que liderou a instituição durante nove anos.

O antigo dirigente da AASM fez um balanço do seu mandato, recordando os principais desafios enfrentados pelo setor agrícola micaelense, conquistas e

figuras que marcaram a história do setor agrícola açoriano.

Em entrevista, Manuel António Martins afirma que a sua passagem pela presidência "não foi um sacrifício", antes pelo contrário. "Ganhei uma visão de vida diferente do que tinha. Acabou por ser um benefício para mim e penso que também ajudei o setor na altura", referiu.

O antigo dirigente recorda várias manifestações organizadas pela lavoura durante o seu mandato, destacando a primeira, "para evitar o fecho da Unileite". Segundo explicou, "a Unileite estava num impasse financeiro e de aprovação da sua reestruturação financeira e política, e a lavoura viu-se obrigada a marcar a sua posição".

"Foi a lavoura, com a direção de então, José Francisco Barbosa e Manuel de Almeida, juntamente com Mário da Silva, o presidente da Unileite que tinha até um compromisso direto de quase 30 mil contos na altura, em seu nome, na banca. E foi isso que nos obrigou a fazer essa grande manifestação para quebrar o impasse e evitar mesmo o fecho da Unileite", disse.

Manuel António Martins sublinhou ainda o apoio do "Sr. Macedo da Caixa Agrícola" e de "Octaviano Mota, do Banco Comercial dos Açores", no processo de reestruturação. "Podemos mesmo dizer que a Unileite existe hoje porque foi dado esse passo na altura", afirmou, acrescentando que a associação chegou a contribuir "com património que era da lavoura, o edifício onde era o antigo grémio da lavoura, à Unileite, para dar garantias à banca".

Outra manifestação importante, referiu, esteve relacionada com o preço do leite. "Foi recuperar 4,5 escudos. A indústria apoderou-se dele, que era nosso, por direito próprio da União Europeia (...). E

depois conseguimos, além desses 4 escudos, mais 1,5 escudos."

Durante o seu mandato, foi ainda criada uma linha de crédito "que ia de 7 a 14 anos de pagamento, dois anos de carência e juros suportados pelo Governo", justificada, segundo explicou, pela "obrigação da quota leiteira e pela compra de terra para dar o primeiro passo para o emparcelamento".

O antigo presidente destacou também a importância do programa comunitário PROAGRI, que permitiu "garantir a independência financeira da associação", ao abrigo do qual "eram pagos 75% dos ordenados durante cinco anos".

Entre os projetos estruturantes do período em que esteve à frente da AASM, mencionou a criação da fábrica de rações. "O vice-presidente, o Sr. Aristides Silva, ficou responsável pela criação da fábrica dentro da direção", referiu, salientando ainda o apoio do então governante João Bernardo Rodrigues.

Recordou também "a situação do fecho do rali", explicando que a decisão se deveu "ao desrespeito pelo setor, em relação aos caminhos agrícolas".

Sobre as conquistas alcançadas, destacou "a aquisição do património da associação agrícola" e "a primeira importação de adubos, mandando vir um barco à nossa responsabilidade". Mencionou ainda a "inauguração do restaurante", que considerou "importante" para a sustentabilidade da instituição.

A direção que liderou, referiu, também "evitou o fecho" da Cooperativa Agrícola Bom Pastor.

"Na altura, a Bom Pastor estava mesmo às portas de fechar. E não fechou devido à direção da associação, a uma pessoa dos Arrifes, João Maria Silvestre e António Almeida", salientou.

Manuel António Martins fez questão de recordar várias pessoas que, segundo disse, foram determinantes nesse percurso: "António Almeida, que foi a pessoa que me fez o convite para vir para a associação; Graça Furtado, a primeira empregada da associação; Rogério Brandão, responsável pela área financeira; Aristides Silva e Luís António, que trabalharam comigo na direção."



Mencionou ainda "o Sr. Macedo da Caixa Agrícola", que "acreditou nas instituições da lavoura" e "nos ajudou sempre no apoio financeiro", bem como o secretário regional da altura, Adolfo Lima, "que sempre colocou a agricultura à frente da política".

Realçou ainda "a importância dos jovens agricultores na presidência de João Franco e Virgílio", sublinhando o "compromisso e responsabilidade para manter a lavoura micaelense unida".

Sobre o atual presidente, Jorge Rita, Manuel António Martins afirmou que "foi a pessoa certa no momento de transição do passado para o presente e para o futuro".

E prosseguiu: "A AASM hoje ronda os 350 empregados (...). Ter uma associação, uma cooperativa, respirar saúde financeira, não é fácil. E depois desses anos todos que o Jorge Rita está à frente, apresentar toda essa solidez financeira, demonstra toda a sua capacidade", referiu.

O antigo dirigente considerou que "os tempos mudaram", com "a comunicação social e as redes sociais" a exigir-

rem "uma exposição muito forte das instituições e das pessoas", e destacou que o atual presidente "tem sabido viver com esses tempos de hoje".

Sobre o futuro da agricultura, Manuel António Martins afirmou que continua a ter "um grande respeito" pelos agricultores. "Ser agricultor e, acima de tudo, produtor de leite, exige muito. É uma exigência de entrega permanente, diária, porque tem de ser", disse.

O antigo presidente sublinhou a importância do papel social e cultural da agricultura. "O agricultor é um agente muito forte economicamente, mas também tem o aspeto social e cultural da nossa sociedade. (...) Às vezes, o agricultor e o produtor de leite não têm a devida observação da sociedade para a exigência que é hoje dada a um agricultor e um produtor de leite", afirmou.

Para o futuro, deixou uma mensagem aos mais novos: "O conselho que dou neste momento aos pais é que a melhor riqueza que podem dar aos filhos é a educação." ◆

Só com ENTEC®
usufrui de todos
os nutrientes

DEIBA



Fertilização inteligente
para a cultura
do milho

DEIBA



EuroChem Agro Iberia, S.L.
www.eurochemiberia.com

 EUROCHEM

ENTEC®

“A maior conquista foi criar a Cooperativa União Agrícola, baixar custos de produção e não depender dos políticos”



José Francisco Barbosa faz balanço do seu mandato à frente da Associação Agrícola de São Miguel.

José Francisco Barbosa, antigo presidente da Associação Agrícola de São Miguel (AASM), considera que o seu mandato à frente da associação foi "positivo para a época, com muito trabalho e dedicação".

Ao assumir a presidência, os principais desafios, segundo José Francisco Barbosa, passaram por "dar credibilidade à associação que não tinha" e criar condições para reduzir os custos de produção, uma vez que "não se podia aumentar os preços de leite e de carne".



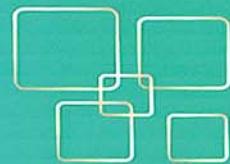
Entre as principais conquistas do seu mandato, o antigo presidente destaca a criação da Cooperativa União Agrícola CRL (CUA), que, afirma, permitiu "baixar custos de produção e não depender dos políticos".

Comparando o passado com o presente, José Francisco Barbosa reconhece

que "nos últimos anos, mudou muito, tanto na política comercial como na social".

Sobre a situação atual da AASM e o futuro da agricultura micaelense, deixou uma mensagem para as novas gerações de agricultores e dirigentes: "Que invistam e aproveitem os benefícios comunitários, regionais e nacionais, que o mercado vai a favor nos preços da carne e lacticínios".

Quanto à atual direção da AASM, José Francisco Barbosa realça que os associados "têm de aproveitar a direção que tem dado muito pelo bem da lavoura micaelense e açoriana, e não se deixem aproveitar pelos políticos". ◆



50

1975-2025

AA

Maior Sul a...





AASM ASSOCIAÇÃO AGRÍCOLA
SÃO MIGUEL



Meio século ao serviço da Agricultura

“A lavoura de São Miguel tudo deve à AASM, no nome da pessoa de Jorge Rita”

“Atualmente, é incompreensível não ser sócio da AASM”



Meio século ao serviço da Agricultura

António Cabral da Ponte começou a trabalhar aos 12 anos nas vacas. O sócio inscrito na Associação Agrícola de São Miguel há 50 anos, recorda os tempos duros em que tudo era feito à força do braço e destaca o papel determinante da AASM na revolução do setor. Para ele, hoje, "é incompreensível não ser sócio da AASM".

Há cinquenta anos, o que o levou a associar-se à Associação Agrícola de São Miguel (AASM)?

As dificuldades inerentes à vida agrícola nessa época.

Como era a agricultura em São Miguel naquela altura, especialmente o setor leiteiro?

Muito difícil. Dependia de alguns grupos económicos muito poderosos, que dominavam o setor na Região.

Não havia caminhos, rede de águas, carros, tratores... Não havia quase nada. Era tudo manual. Era muito trabalho e continua a sê-lo, só que hoje já é mais bem remunerado, mais saudável, mas sempre muito duro.

A produção de leite é muito exigente nos Açores, porque a mão-de-obra é escassa. Ainda há uma minoria que tem condições modernas e favoráveis, que permite fazer a ordenha e manter as vacas abrigadas.

Continua a ser um trabalho sem folgas?

Já há folgas, desde que haja outra pessoa para ajudar. A pouco e pouco, temos vindo a ser obrigados a isso. (...)

Hoje, os lavradores não se podem queixar tanto. O trabalho efetivo não se



compara ao que era. Antigamente, o lavrador era uma pessoa quase tratada como um "boi de carroça". Agora já não. Os lavradores são iguais aos outros trabalhadores, têm os seus direitos - subsídio de férias, folgas. Também têm as suas obrigações. Tratar de uma vaca para dar leite, tratar de um vitelo para sobreviver ou de um novilho para engordar não é a mesma coisa que ir para a construção assentar blocos. É um animal, um ser vivo. (...)

Antigamente também não havia tantas doenças nos animais como há hoje. A alimentação era mais biológica.

Considera que há que mudar as mentalidades?

A pouco e pouco, é o que a associação tem vindo a fazer. Antigamente, não havia cursos de formação. Eram os curiosos que davam a injeção nas vacas. Hoje, a Associação Agrícola de São Miguel revolucionou completamente o setor. Não sei o que seria a nossa lavoura sem a Associação.

Que mudanças mais significativas viu no setor agrícola ao longo desses 50 anos?



A Associação trouxe uma inovação muito grande. Antigamente, havia só dois ou três veterinários na ilha toda e trabalhavam nas secretarias. Agora, os veterinários estão nas associações.

Outra mudança, está relacionada com os contabilistas. Por exemplo, quando eu me criei, não havia contabilistas nas lavouras. Agora, com a Associação, isso mudou.

Na sua opinião, qual foi o maior contributo da AASM para os agricultores micaelenses?

No fim dos anos 90, início de 2000, a Associação ia-se afundando, muito por culpa do Conselho de Administração de então.

O grande salto foi depois que esta Administração entrou, em conjunto com a construção deste edifício. O maior salto da Associação foi com esta Administração. A lavoura de São Miguel tudo deve à AASM, no nome da pessoa de Jorge Rita, juntamente com os colaboradores que escolheu para ter à sua volta”

A Associação deu a toda a lavoura dos Açores, principalmente a de São

“

A lavoura de São Miguel tudo deve à AASM, na pessoa de Jorge Rita, juntamente com os colaboradores que escolheu para ter à sua volta”

Miguel, a dinâmica de que esta beneficia atualmente.

Qualquer lavrador hoje, com carácter e que se preze, não pode deixar de ser sócio da AASM, porque a associação tem tantos benefícios. Há muitos que não são, mas acabam por beneficiar indiretamente.

A Associação não pode restringir uma medida do governo, uma portaria, só para sócios da associação. Nem



Meio século ao serviço da Agricultura

o governo pode fazê-lo. Quando uma lei é aprovada, abrange toda a lavoura. Portanto, indiretamente, mesmo os que não são sócios, estão a beneficiar da associação.

Atualmente, é incompreensível não ser sócio da AASM. Quanto mais sócios a associação tiver, mais força tem. Para mim, a AASM preenche todos os requisitos que um lavrador pretenda. Basta vir às reuniões da Associação sobre o Plano e Orçamento para os anos seguintes e à aprovação do exercício anterior. Os números com que se trabalha aqui fazem esquecer completamente os tempos antigos.

Antigamente, quando nos defrontávamos com um problema qualquer, relacionado com os serviços agrícolas ou com as finanças, tínhamos de recorrer a alguém e pagar. Agora, a associação resolve tudo.

Além disso, a formação da Cooperativa União Agrícola foi um momento importante, porque a AASM, em si, não pode negociar.

O que sentiu ao ser homenageado como se sócio fundador da gala?

Não contava com tal coisa. Sabia que era dos primeiros, só não estava nos velhotes da altura que foram os mentores da formação da associação. Era criança na altura. Fugia de casa para vir para as reuniões. Não tinha transporte, arranjava boleia e deixava os meus irmãos a trabalhar.

Como vê o futuro da agricultura nos Açores, sobretudo para os mais jovens?

Vejo um futuro difícil, mas ninguém vai morrer à fome. A agricultura não acaba.

O Governo tem de dar subsídios e a sociedade civil tem de agradecer que os lavradores recebam esses apoios. O subsídio não é para os lavradores, mas para que se possa produzir a preços acessíveis, para as pessoas poderem ir ao supermercado comprar.

Se tivesse de deixar uma mensagem a esta nova geração de sócios, qual seria?

Digo aos jovens que acreditem no futuro da agricultura e no futuro da associação. A agricultura não vai acabar. É o futuro. ♦

“O maior contributo da Associação Agrícola de São Miguel é prestar ajuda aos lavradores”



Armando Henrique dedica-se à agricultura desde os nove anos e continua ligado à terra aos 86 anos. Ao longo desses anos, acompanhou a evolução da agricultura na região. O sócio, inscrito na Associação Agrícola de São Miguel (AASM) há 50 anos, sublinha que "o maior contributo da Associação é prestar ajuda aos lavradores".

Lembra-se do que o levou a associar-se à Associação Agrícola de São Miguel em 1975?

A Associação Agrícola de São Miguel

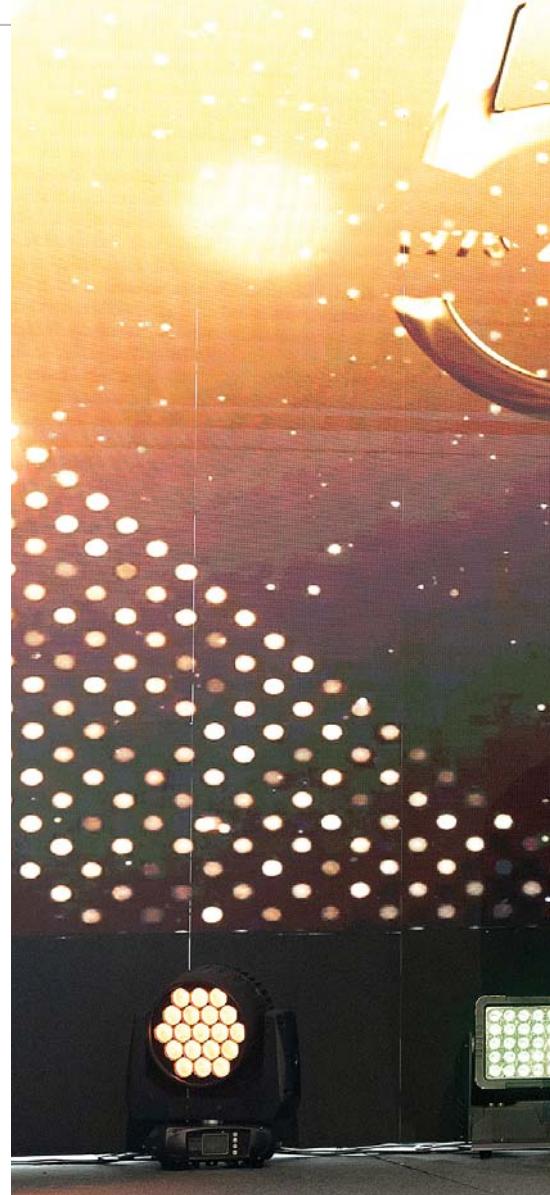
é uma instituição que defende a lavoura. Foi por isso que aderi.

Ter o apoio de uma instituição é diferente. Quando temos algum problema - nunca tive muitos -, telefona-se ao presidente, explica-se a situação e ele resolve. A força é outra.

Como era a agricultura em São Miguel nessa altura, em particular o setor leiteiro?

Há 50 anos era muito mais fraco. Era o que havia naquela altura. Para mim, foi sempre lavoura desde muito novo. Trabalho desde os nove anos. Estive em Angola durante três anos, fui mobilizado para o Ultramar, em 1960. Quando regressei, continuei com a vida que tinha: vacas - leite e carne. Agora é só carne.

Também semeava milhos, semeava tudo. Terras, matas. Devo ter a maior mata do concelho de Vila Franca, o



Monte Escuro. Tenho lá uma mata já com 33 anos, plantada por mim. (...) De vez em quando, pedem-me para o rali passar lá.

Na sua opinião, qual foi o maior contributo da Associação Agrícola de São Miguel para os agricultores micaelenses?

O maior contributo da AASM é prestar ajuda aos lavradores. Dentro das possibilidades, tem prestado uma grande ajuda aos seus associados. Eu sou da primeira hora da AASM.

Sempre tive boa relação com todos os presidentes. Tem corrido bem.

Qual é a sua opinião acerca da atual direção?

Boa direção. Muito competente. Já cá está há 23 anos. Tem feito um bom trabalho.

Há algum momento ou conquista da Associação que lhe tenha ficado especialmente na memória?

Muitas coisas. Nunca tive grandes dificuldades, mas quando surgia algum problema, bastava telefonar aos presidentes e eles resolviam.

Por vezes havia questões mais com-



plicadas, em determinadas instituições, que precisavam da intervenção da Associação. Nesses casos, fazia uma chamada e rapidamente ficava tudo tratado.

O que sentiu ao ser homenageado na gala como sócio fundador?

Senti-me honrado. Ao longo da vida, trabalhei muito e fiz muitas coisas. Desde que saí da escola, com nove ou dez anos, nunca parei. Comprei muitas terras, trabalhei-as e valorizei-as.

Atualmente dedica-se apenas à criação de gado de carne?

Sim. Continuo a ter sala de ordenha fixa e equipamentos, mas reduzi bastante a atividade. As dificuldades de mão-de-obra são muitas e, com a idade que tenho, já não tenho paciência para isso.

A lavoura não é fácil. Aprende-se com a prática e desde muito novo. Hoje em dia, muita gente não sabe trabalhar e não quer aprender.

E a família, tem netos?

Cinco netos do melhor que há. Somos de Ponta Garça, mas vivemos em Vila Franca do Campo. A minha

“
É um setor que depende muito da mão-de-obra, e hoje isso é um problema grave. Ninguém quer trabalhar na terra. O Governo precisa de criar medidas que incentivem ao trabalho, em vez de depender tanto de subsídios”



Meio século ao serviço da Agricultura

vida, no entanto, continua ligada à Ponta Garça. Tenho também propriedades na Ribeira Seca e na Ribeira das Tainhas. Tudo foi comprado por mim, com trabalho; nunca herdei nada. As heranças que tive, ofereci-as aos outros.

Tem alguma ligação especial a essas propriedades?

Na Ponta Garça, temos uma propriedade grande com uma ermida. Todos os anos, a 5 de outubro, fazemos lá uma festa com missa e jantar, que reúne familiares e amigos.

Tenho saúde, uma boa família e tudo o que preciso.

Como vê o futuro da agricultura nos Açores?

Conheço a agricultura há muitos anos. Nunca foi muito melhor do que isto. É um setor que depende muito da mão-de-obra, e hoje isso é um problema grave. Ninguém quer trabalhar na terra.

O Governo precisa de criar medidas que incentivem ao trabalho, em vez de depender tanto de subsídios. Basta cortar rendimentos, abonos e as pessoas têm de ir trabalhar.

O futuro passa por o agricultor, o proprietário, perceber de agricultura e saber trabalhar a terra. Não é ele que tem de fazer todo o trabalho, mas tem de saber mandar e explicar como é que se faz. É preciso saber o que se deve semejar, o que produzir e como organizar tudo.

Quando começou, havia mais gente disponível para trabalhar?

Nessa altura não faltava mão-de-obra. Para plantar o Monte Escuro, fui buscar homens ao norte da ilha. Levou três anos a plantar. Havia trabalhadores com fartura.

Se tivesse de deixar uma mensagem a esta nova geração de sócios, qual seria?

Diria que continuem a ser sócios da Associação Agrícola de São Miguel. Enquanto associado antigo, beneficiei muito desse apoio ao longo dos anos. Trabalhei com vários presidentes, não só com Jorge Rita, e nunca tive problemas. Ajudaram-me sempre. Ser sócio é uma mais-valia. ◆

“Dei muito do que tinha em função da Associação Agrícola de São Miguel”



Meio século ao serviço da Agricultura

Armando Soares Cordeiro, de 82 anos, nasceu lavrador e herdou do pai - um comandante da Marinha - uma "pesada herança de 180 vacas". Dedicou a vida à pecuária de leite e de carne, mas confessa que a sua "paixão e morte" são os seus cavalos lusitanos, dos quais é criador de puro-sangue. Sócio inscrito há 50 anos na Associação Agrícola de São Miguel (AASM) e ex-diretor da Unileite, foi também vice-presidente da AASM.

Qual foi o seu papel nos primórdios da Associação Agrícola de São Miguel (AASM)?

À Associação Agrícola que está ali, na pedra, não é a do meu tempo. Aquela é a associação agrícola do antigo Grémio da Lavoura.

A AASM com este símbolo é a minha - foi a que fundei com o meu amigo

Paulo Teves: ele era o presidente e eu o segundo dirigente.

Nós é que fomos os revolucionários. Também tivemos o apoio de outros, como o Paulo Caetano, da Terceira, e o Chico, do Pico, entre outros que fomos contactando.

Na altura, foi complicadíssimo. Havia muitos ciúmes por parte do ex-Grémio da Lavoura, porque os cargos desse grémio eram nomeados pelo governo...

É um dos sócios inscritos na AASM desde o início. Lembra-se do que o levou a associar-se à Associação Agrícola de São Miguel em 1975?

Quando me meto em alguma coisa, gosto de conhecer os fundamentos: os estatutos, o regulamento, tudo. (...)

Fui eu quem criou a quota [da ASSM] de alguns centavos por litro de leite. Eu fui o responsável e os antigos grémios diziam que eu ia "cortar a cabeça à estátua". (...)

Eu só queria que as coisas fossem como devem ser: estatutos em que os sócios votassem e conhecessem os seus



deveres e direitos. Esses estatutos foram copiados da Confederação de Agricultores de Portugal (CAP).

Aliás, a Cooperativa Agrícola nasceu à semelhança da Associação Agrícola. Os corpos gerentes, ainda hoje, são os mesmos.

Há algum momento que queira destacar?

Um dia, numa das minhas "loucuras", lancei um concurso público para 50 tratores. A CASE ganhou o concurso ao preço de fábrica.

A Cooperativa Agrícola nasce porque a Câmara do Comércio fez queixa de mim! (...)

A Associação Agrícola era uma associação de classe e, por isso, não podia ter uma vertente comercial.

Fui assessorado por um economista e por um jurista, o Dr. José Alfredo e o Dr. Fortuna. Perante a situação, o jurista disse-me: "Se fosse uma cooperativa, já podia".

Perguntei o que era preciso, e ele explicou-me que bastava dez pessoas assinarem um papel.

Peguei num papel timbrado da



Associação Agrícola, assinei com mais dez pessoas e assim nasceu a Cooperativa Agrícola.

Como era a agricultura em São Miguel naquela altura?

Era muito difícil. Muito mais atrasada. Não havia metade da tecnologia que temos hoje. Mas a agricultura era muito mais diversificada do que é agora.

Tínhamos uma fábrica de açúcar que, além de produzir açúcar, também fazia álcool. A beterraba fazia a polpa para a alimentação do gado. O mito da "bacia leiteira" vinha dessa fábrica. Os lavradores iam lá buscar a polpa nas carroças para as vacas e elas davam imenso leite, porque a polpa favorece muito a produção.

No inverno, quando havia falta de erva, misturava-se trigo, pragana e palha para fazer comida para o gado. A chicória também desapareceu...

Hoje, felizmente, estamos a deixar um pouco a monocultura da pastagem e a apostar mais no milho.

Mas há outras alternativas que ainda não chegaram cá e que custam a entrar na cabeça das pessoas.

“

A agricultura era muito mais diversificada do que é agora.

Tínhamos uma fábrica de açúcar que, além de produzir açúcar, também fazia álcool (...)"

Precisávamos de apostar em plantas forrageiras ricas em proteína, para termos uma alimentação mais completa para as vacas e dependermos menos do concentrado.

Na sua opinião, qual foi o maior contributo da AASM para os agricultores micaelenses?

Quando foi criada a inseminação



artificial (...). Os técnicos pagos pela Associação traziam informação do que se passava no terreno, porque eram eles que andavam de botas na lama, debaixo de chuva, a fazer apalações às vacas.

A máquina de inseminação artificial era "os olhos e os ouvidos do rei", de quem mandava aqui.

Escolhíamos muito bem os inseminadores. Para mim, o mais importante são sempre os serviços que estão no terreno.

Em termos positivos, destaco os serviços médicos e farmacêuticos: excepcionais. Em termos negativos, uma sujeição excessiva a uma fábrica de rações que, em vez de ser um exemplo, acabou por se tornar igual às outras.

O que sentiu ao ser homenageado como sócio fundador?

É evidente que é uma honra. Ao fim de uma vida de trabalho, é bom que alguém reconheça as horas que perdi. Dei muito do que tinha à associação. Eu podia ter trabalhado só para mim, podia ter remado apenas o meu barquinho e deixado o outro à deriva. Nunca ganhei nada com isso, antes pelo contrário. Dei muito do que tinha à Associação: tempo, telefonemas, amizades... até pagar almoços e jantares.

A homenagem veio na altura certa, os meus netos até acharam piada.

Como vê o futuro da agricultura nos Açores, sobretudo para os mais jovens?

Acredito que o futuro será muito bom, porque temos uma aptidão natural e uma vocação enorme para a agropecuária. Pelas nossas condições - pluviosidade, clima ameno e boas médias de temperatura - temos tudo para continuar a ser fortes neste setor.

Estamos na altura certa para tomar grandes decisões, sobretudo no agroturismo. ♦

A criação da Cooperativa União Agrícola “trouxe grande diferença” para os agricultores



Gilberto dos Santos, sócio desde a fundação da Associação Agrícola de São Miguel (AASM), trabalha na lavoura desde os cinco anos e testemunhou de perto a evolução do setor agrícola na ilha. Com mais de meio século de experiência, recorda tempos difíceis e destaca o impacto da criação da cooperativa, que “trouxe grande diferença” para os agricultores micaelenses.

Lembra-se do que o levou a associar-se à Associação Agrícola de São Miguel?

Eu nem sequer sabia onde estava a meter-me naquela altura. Na altura, fui nomeado delegado da freguesia de Vila Franca do Campo.

Havia necessidade de uma estrutura que representasse os agricultores e defendesse os seus interesses. Estava tudo a puxar para o seu lado. Na altura, foi muito positivo.

Como era a agricultura em São Miguel naquela altura?

Era uma miséria, mas já começava a melhorar. Isso começou por ser o grémio da lavoura de Ponta Delgada, depois passou para aqui e cresceu da forma que vemos 50 anos depois.

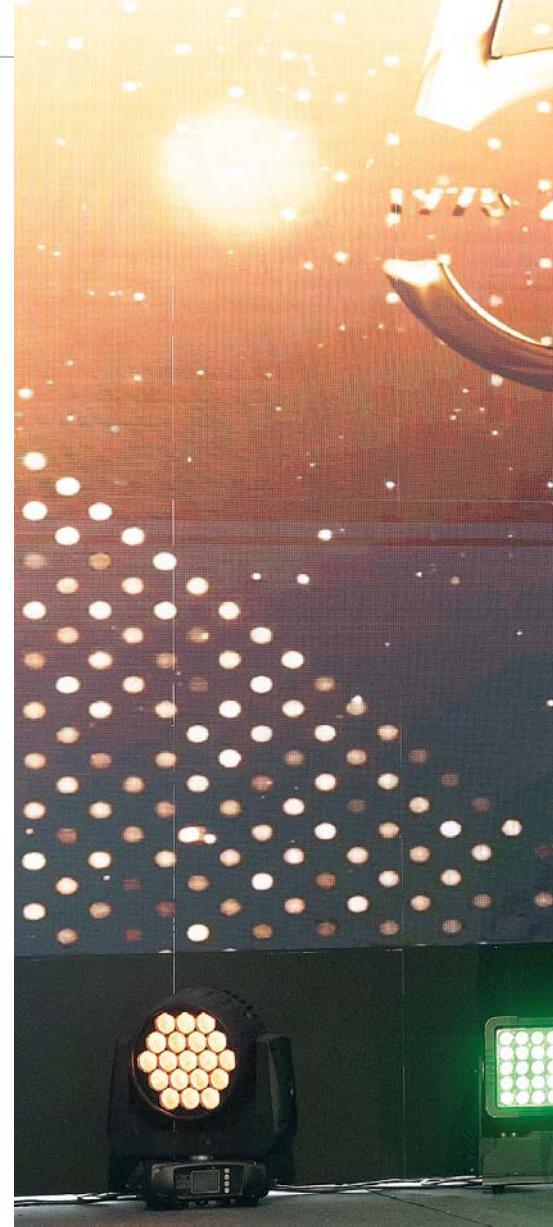
Como era o setor leiteiro?

Havia procura de leite. Nesse sentido, era melhor do que agora, mas era mal pago. O leite sempre foi mal pago, mas havia procura. E agora não há procura. Ninguém me liga para pegar no leite. Há procura pela carne.

Que mudanças mais significativas viu no setor agrícola nesses últimos 50 anos?

Penso que agora está melhor. O leite continua mal remunerado, mas o resto está mais ou menos equilibrado.

A carne está a ter procura. Faço atualmente carne e leite, desde há cerca de uma década.



A carne tem ajudado a equilibrar os rendimentos.

Na sua opinião, qual foi o maior contributo da Associação Agrícola de São Miguel para os agricultores micaelenses?

O poder de compra. Ficou logo diferente. Naquela época, era o Nicolau Sousa Lima que fazia o que queria connosco. Desde que houve a Associação, começaram a falar mais baixinho.

A criação da cooperativa também trouxe grande diferença. Sente-se isso nos produtos que compramos; é tudo diferente.

Há algum momento ou conquista da AASM que lhe tenha ficado na memória?

Há um episódio que me ficou na memória: a revolução do leite. Não gostei muito daquilo e não adiantou muito. A revolução do leite, em 1993, foi despejar leite na cidade... Partiram fábricas e depois responderam em tribunal. Eu não me meti nisso.

O que sentiu ao ser homenageado na gala como sócio fundador?



Senti-me honrado. É um reconhecimento por todos estes anos de trabalho. Estou nesta vida há 53 anos por minha conta. Antes disso, com os meus pais, desde os cinco anos. Sempre em Vila Franca do Campo.

É um trabalho que não tem férias nem folgas. Como tem gerido a sua exploração nos últimos anos?

A exploração está no nome da minha mulher, Maria Marta. Por motivos da vida, foi necessário assim.

No ano 2000, tive de abater o gado todo por causa da brucelose. Fiquei impossibilitado de dar continuidade. Entretanto, apareceu uma lavoura à venda. A pessoa foi ter comigo, porque estava muito doente, quase a morrer, e precisava que ficasse com as vacas. Comprei as vacas e tive de pôr no nome da minha mulher.

Ela ajuda-me na contabilidade e a levar o negócio para a frente. Se não fosse assim, já teria parado há muito tempo.

Antigamente, nos primeiros anos, a vaca ficava presa a corrente e estava. Não havia mais nada. Não havia

“

O leite continua mal remunerado, mas o resto está mais ou menos equilibrado. A carne está a ter procura. Faço atualmente carne e leite, desde há cerca de uma década. A carne tem ajudado a equilibrar os rendimentos”

contabilidades, nada disso. A partir daí, ficava aborrecido; chegava a casa e dizia: "isto é muito papel para mim, tenho que pôr algum filho ou ajudar nisso".

A minha mulher acompanhou sempre os filhos e todos estão encaimados. Houve um enorme esforço da parte dela para que tudo seguisse. Ela tirou carta de condução e andava para todo o lado. Às vezes, eu vinha para a feira, telefonava-lhe, e era ela que ia buscar o leite e levá-lo ao posto.

Tenho cinco filhos, todos licenciados. Ninguém quer dar continuidade à exploração. Isso preocupa-me. Já tive dois netos que queriam meter-se nisso, mas acabaram por desistir. Não sei avaliar essa gente nova. Eles pensam de forma diferente.

E isso preocupa-o?

O que me preocupa agora é como vou acabar com esta atividade. Está tudo bem, porque temos um empregado competente.

Também confesso que estou com medo de acabar, porque saio, fico distraído. Todos os dias vamos às vacas à tarde. Gostamos muito de ver os animais.

Como vê o futuro da agricultura nos Açores, sobretudo para os mais jovens?

Penso que não vai parar. Não pode parar. As pessoas precisam de comer. Haverá altos e baixos, mas a agricultura continua essencial.

Se tivesse de deixar uma mensagem à nova geração de sócios, qual seria?

Diria que estamos muito bem servidos com essa direção. ♦

A melhoria genética dos animais “teve um impacto enorme” na produção leiteira



João do Rego Pavão, sócio fundador da Associação Agrícola de São Miguel (AASM), começou a tirar leite às vacas do pai aos 11 anos. Recorda os tempos em que o leite era mal pago e os lavradores lutavam por rendimentos justos, destacando que a melhoria genética dos animais “teve um impacto enorme” na produção leiteira.

Lembra-se do que o levou a associar-se à Associação Agrícola de São Miguel (AASM) em 1975?

Na altura, havia um grupo das Capelas e da Ribeirinha que se estava a juntar ao Partido Comunista. Nós, por nossa vez, organizámos uma reunião de lavradores no grémio da lavoura, em Ponta Delgada, para criar a Associação.

Foi então que se formou oficialmente a Associação Agrícola de São Miguel.

Como era a agricultura em São Miguel naquela altura, em especial o setor leiteiro?

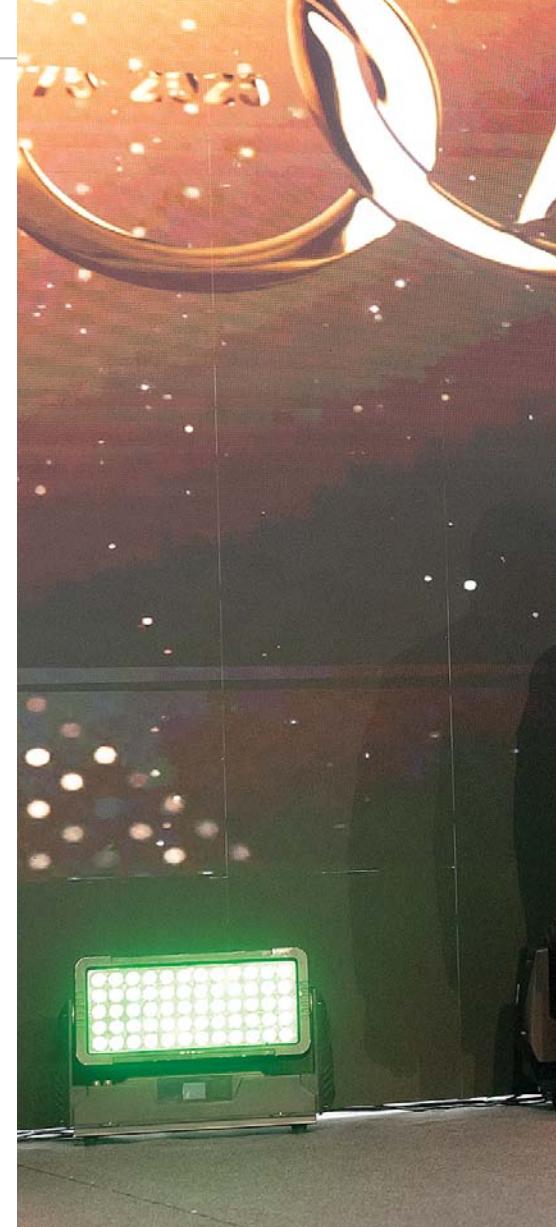
Era complicado. O leite era muito mal pago. Numa das reuniões, fomos todos até à rotunda, a seguir à Fábrica do Açúcar, e vazámos o leite ali mesmo, em protesto, para pressionar uma subida do preço.

O grande problema era, de facto, o preço do leite. Além disso, não queríamos que a lavoura ficasse nas mãos dos comunistas. Os grandes proprietários de terras eram pessoas ricas, enquanto os lavradores eram, na sua maioria, rendeiros.

Juntámo-nos para impedir o aumento das rendas e para garantir que não eram só esses senhores a lucrar com a agricultura. Queríamos também rendimentos justos para os agricultores. A Associação nasceu com esse objetivo.

E notaram melhorias logo no início?

Não foi fácil. Nos primeiros tempos, a Associação teve muita dificuldade em reivindicar as suas reivindicações, que



eram a subida do preço do leite e que as rendas não aumentassem.

Na época, os grandes proprietários dominavam a agricultura. Os agricultores trabalhavam dia e noite para conseguirem ganhar alguma coisa.

Trabalhava com leite e carne?

Sim. Eu tinha lavoura e dedicava-me também à exportação de gado para o continente.

Entre 1978 e 1997, exportei animais para o continente e para a Madeira. Chegámos a ter 900 vitelos a beber leite e cheguei a exportar cerca de 80 cabeças de gado por semana.

Na sua opinião, qual foi o maior contributo da AASM para os agricultores micaelenses?

Foi a transformação que a Associação trouxe. O grande salto foi a criação da cooperativa agrícola, que permitiu controlar os preços dos produtos agrícolas, desde os adubos até às sementes e rações. Isso estabilizou os preços das matérias-primas e foi aí que se deu o salto, tanto que atingimos o pico de número de cabeças de animais por volta de 2004-2006. A partir daí, o



governo teve de implementar quotas para controlar o crescimento, porque, de outra forma, teríamos mais vacas do que a ilha poderia suportar.

As coisas melhoraram com a fábrica de rações, a importação de cereais e adubos, a abertura da loja da Associação, do restaurante e, mais recentemente, do vитеiro. Isso permitiu controlar preços e valorizar os produtos. Hoje, por exemplo, a carne já atinge preços de cerca de 6 euros por quilo, o que era impensável há décadas.

Outro avanço importante foi a inseminação artificial, com a escolha de sémen para melhorar geneticamente os animais. Isso teve um impacto enorme na qualidade dos animais e na produção leiteira.

Através da genética e da participação em feiras, atingimos um nível de excelência de produção de leite. E isso está relacionado com contraste leiteiro e genética animal.

Antes de existir a Associação Agrícola, eu já fazia parte do contraste leiteiro dos serviços de desenvolvimento agrário. Quando a Associação pegou

“

Durante a crise entre 1987 e 1994, foi a Associação que aguentou muitos agricultores, incluindo eu, com as suas dívidas”

nesse serviço para desenvolver a árvore genealógica e a inseminação artificial, eu já fazia isso.

Qual é a sua opinião acerca da atual direção?

O trabalho atualmente desenvolvido pela direção da AASM é extremamente meritório, desde as reivindicações junto ao Governo e ao Secretário Regional da Agricultura até ao Parlamento Europeu. A direção tem sabido recolher informações de todos os setores da agri-



cultura e da pecuária, fazendo um excelente trabalho na defesa de preços justos para o leite e para a carne.

Também de grande importância são os serviços que a AASM disponibiliza, como a fábrica de rações, o restaurante e o mercado agrícola, entre outros, estando sempre na vanguarda das mudanças. A AASM destaca-se ainda pela excelência na genética pecuária, pelo compromisso com o bem-estar animal e pela promoção de novas tecnologias e práticas de manejo dos animais.

Há algum momento que queira destacar, que lhe tenha ficado na memória?

Como exportador de carne, sempre lutei pela estabilidade dos preços da carne e das forragens.

Quando os grandes senhores faziam produção de trigo e milho para forragem, juntava-me a outros lavradores da Associação para acordarmos um preço máximo a pagar por alqueire. Senão inflacionavam o preço e o lavrador obrigava-se a comprar a 20 ou 30 contos o alqueire.

Se eles não tinham vacas, acabavam por ter de vender ao preço que podíamos pagar. Sempre acreditei na importância de os lavradores estarem organizados e unidos.

Durante a crise entre 1987 e 1994, foi a Associação que aguentou muitos agricultores, incluindo eu, com as suas dívidas. A formação da cooperativa permitiu que muitos pudessem comprar produtos e pagar a 60, 90 ou 120 dias, o que foi muito importante para quem tinha poucas posses.

O que sentiu ao ser homenageado como sócio fundador na gala dos 50 anos da AASM?

Foi um momento muito importante para mim. Um verdadeiro reconhecimento. Já tínhamos passado por muita miséria e para sair dela só foi possível com muito trabalho e dedicação.

Como vê o futuro da agricultura nos Açores, sobretudo para os mais jovens?

Tenho sempre esperança de que melhore. A minha forma de estar é olhar em frente. Para a frente é que é caminho. ◆

“Sem a associação não conseguíramos estar ao nível das explorações agrícolas da Europa e do resto do mundo”



Meio século ao serviço da Agricultura

Com 90 anos e mais de cinco décadas de experiência na agricultura, começou a trabalhar com o pai ainda adolescente e construiu uma vida dedicada à produção leiteira. Sócio desde a fundação da Associação Agrícola de São Miguel (AASM), afirma que "sem a associação não conseguíramos estar ao nível das explorações agrícolas da Europa e do resto do mundo".

Lembra-se do que o levou a associar-se à Associação Agrícola de São Miguel em 1975?

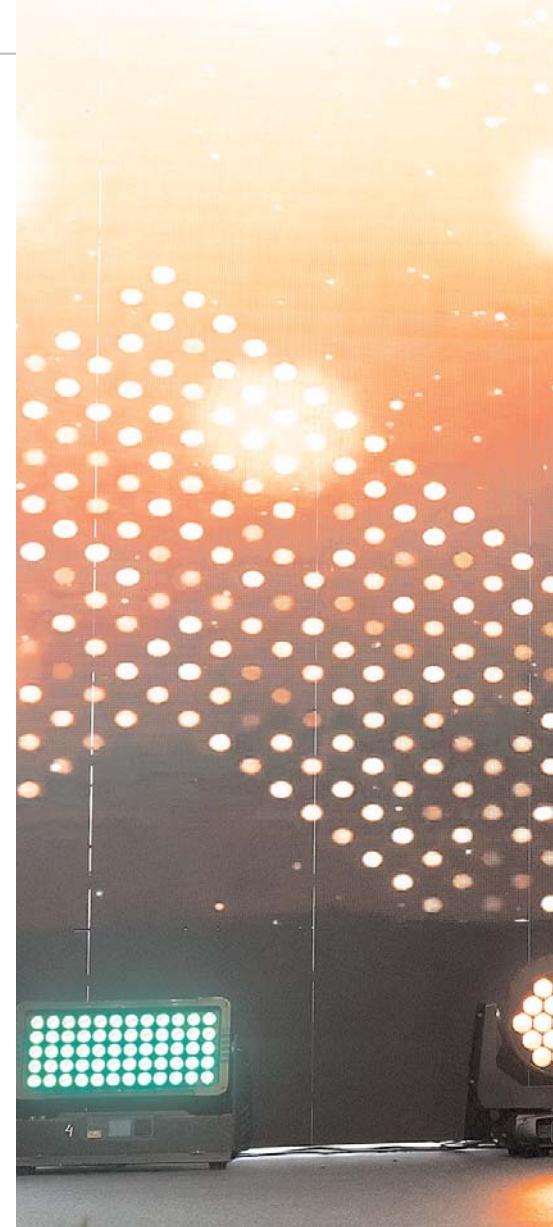
Em 1975, o mercado da venda de animais - vacas, novilhos, vitelos -, era

feito em Ponta Delgada, à sexta-feira. Todas as sextas-feiras, ia para o mercado. Iam muitos lavradores da Lagoa na camioneta. Na altura, dava-se o nome e ficava-se registado como sócio. Mais tarde, quando o meu filho começou com as vacas, nos anos 80, fez-se também sócio.

A associação ajuda a defender os interesses dos lavradores. E a lavoura beneficia das propostas que a associação consegue implementar. (...)

Como era a agricultura em São Miguel naquela altura, em particular o setor leiteiro?

A agricultura antigamente era mais diversificada. Havia algumas diferenças para hoje. Por exemplo, as médias do leite na altura eram 3.000/3.500 litros de litro. Eu tinha metade da pastagem alta e metade baixa. A pastagem baixa, no inverno, era quase toda de tremoços, cevadas e aveias; no verão, cultivava beterraba, chicória, tabaco, batatas, favas...



No inverno, trazia as vacas que davam mais leite para os tremoços e aveias. As vacas eram amarradas nas correntes e punha uma selha [um bidão de 200 litros cortado a meio] de milho a cada vaca. Soltava-as de manhã e à tarde para beber água ao tanque e depois voltavam para as correntes. Bastava chamá-las pelos nomes que paravam ao lado da sua corrente. Hoje não se consegue amarrar um animal; eles fogem e não fazem caso de nós.

A ordenha era toda à mão. Cada pessoa ordenhava, no máximo, 12 a 13 vacas. (...) Não havia máquinas de ordenha. Fui das primeiras pessoas a ter máquina de ordenha, eu e o meu cunhado António Canto. Era uma máquina de quatro vacas, comprada na Granja nos anos 80.

Sempre fui pioneiro nessas coisas. Na questão dos animais para o fio, numa das sextas-feiras que fui para a cidade, comprei fio, estacas e baterias. Soltei as vacas todas. Diziam que eu estava doido. Não dormi nada naquela noite, pensei que se ia embo-



A informação que as pessoas têm hoje sobre os seus direitos, nas candidaturas, nos subsídios e em muitas outras áreas, foi graças à associação. Sem ela, metade teria ficado pelo caminho. A associação defende todos. Quando é cada um por si, não se vai a lado nenhum. Foi fundamental para o desenvolvimento e o bom funcionamento da lavoura nos Açores.

Qual é a sua opinião acerca do trabalho desenvolvido pela atual direção?

Excelente. Acho que foi o melhor que podia ter acontecido. A AASM teve bons dirigentes no passado, mas uma equipa tão coesa e homogénea, até nos corpos sociais, acho que difficilmente voltará a vir. Não se pode dizer que o Jorge Rita seja insubstituível - ninguém é neste mundo -, mas encontrar alguém que se compare a ele vai ser muito difícil.

No dia em que ele sair, teremos de nos conformar e procurar a melhor pessoa possível para continuar a defender os nossos interesses e dar seguimento ao trabalho que ele e a sua equipa têm desenvolvido.

O que sentiu ao ser homenageado como sócio na gala dos 50 anos da associação?

Gostei muito da homenagem que me fizeram na festa. Fiquei muito satisfeito, até recebi uma medalha. Sou sócio da associação desde o inicio e senti-me reconhecido. Calhou bem. Recebi a medalha, tivemos um bom almoço e correu tudo às mil maravilhas.

Como vê o futuro da agricultura nos Açores?

Penso que a agricultura nos Açores não vai acabar. Poderá haver uma redução no número de produtores, mas um aumento das explorações e do encabeçamento dos animais, como acontece noutras países, para rentabilizar e cumprir com as exigências ambientais. A maior dificuldade será, sem dúvida, a falta de mão-de-obra.

Que mensagem quer deixar à nova geração de sócios?

Que se dediquem ao trabalho. ♦

ra tudo. Foi um dia ou dois e depois correu bem.

Depois, foi necessário cortar os cornos às vacas. Foi complicado, porque na altura era cortado com o serrote e era penoso. Vacas amarradas era uma coisa, mas à solta batiam umas nas outras e feriam-se. (...) Chamaram-me de assassino por cortar os cornos às vacas, mas depois viram que não era descabido. Primeiro estranha-se, depois entranha-se.

Na altura não havia máquinas, não havia tratores. Tinha um boi castrado e ia numa carroça levar o leite ao posto. Também tinha uma ou duas éguas de albarda, cada uma transportava quatro bilhas de 50 litros. Se as vacas estavam mais longe, tinha de me levantar às 4h30 para trazer o leite cedo, porque vendia uma parte do leite porta a porta.

Só alguns anos depois começaram a recolher o leite. Depois, criaram-se postos lá em cima, onde deixávamos o leite lá e eles colocavam um conservante para aguentar, porque não o recolhiam todos os dias. A recolha

era de dois em dois dias ou três em três dias. Na altura havia três categorias - A, B e C - conforme estivesse limpo, um pouco sujo ou muito sujo.

O leite era mal pago, mas acho que não era tanto como hoje, com as despesas todas que temos e com a exigência das qualidades.

Na sua opinião, qual foi o maior contributo da Associação Agrícola de São Miguel para os agricultores micaelenses?

A associação veio revolucionar tudo: ajudou-nos a mecanizar, a defender os interesses dos agricultores e a melhorar as condições de trabalho no campo. A questão das inseminações, dos serviços veterinários e de toda essa panóplia de serviços que a associação presta hoje foi essencial para fortalecer a lavoura. Sem a associação, não teríamos evoluído tanto, nem conseguíramos estar ao nível das explorações agrícolas da Europa e do resto do mundo.

No que diz respeito aos animais, se não fosse o trabalho feito nas inseminações, estaríamos ainda muito atrás.

“Para ser um bom agricultor é preciso capacidade de gestão e muita vontade de trabalhar”



Meio século ao serviço da Agricultura

Maximino Sousa Galvão, sócio fundador da Associação Agrícola de São Miguel (AASM), dedica a vida à agricultura e à pecuária desde os seis anos. Salienta que "para ser um bom agricultor é preciso capacidade de gestão e muita vontade de trabalhar" e destaca o papel da AASM na modernização do setor e na garantia de melhores condições para os agricultores.

Lembra-se do que o levou a associar-se à Associação Agrícola de São Miguel em 1975?

Na altura, tinha acabado de acontecer o 25 de Abril. Existiam os grémios da lavoura, que apoiavam os agricultores com adubos, sementes e

outros produtos do género. Com a revolução, o Partido Comunista de Portugal esteve algum tempo no governo e, nessa altura, foi criada uma comissão liquidatária para acabar com os grémios. Passaram então a gerir tudo à sua maneira.

Com o fim dos grémios, foi preciso criar uma estrutura que apoiasse os agricultores. Reuniram-se algumas dezenas de pessoas e fundou-se a Associação. Eu fiquei com o número de associado 16. A partir daí, a Associação começou a desenvolver-se de uma forma diferente.

Como era a agricultura em São Miguel nessa altura, especialmente no setor leiteiro?

Não posso dizer que o setor leiteiro fosse muito diferente de hoje, mas está um pouco melhor agora. Houve uma mudança do leite para a carne, reduziu-se a produção de leite. As fábricas controlam os mercados e nunca querem perder. Quando há prejuízo, arranjam maneira de nós, produtores, acabarmos por pagar.

Sempre estive ligado ao setor do leite



e à agricultura em geral. Naquele tempo, também cultivávamos trigo, beterraba, chicória...

Eu tinha um número razoável de vacas, conforme a área que possuía, mas também fazia várias culturas agrícolas, porque havia anos em que as vacas não corriam bem e era preciso garantir rendimento de outras formas.

Naquela altura, havia menos vacas, porque grande parte dos terrenos era dedicada à agricultura. Por exemplo, não havia um palmo de terra de pastagem em toda a baixa da Ribeira Grande; era tudo cultivado com beterrabas, milho, favas, chicória, tabaco...

Sempre fiz um misto entre pecuária e agricultura e nunca gostei de comprar rações para as vacas. Prefiro vender do que comprar.

Lembro-me de uma altura em que tinha cerca de 70 vacas, o que já era bastante para a época. Tinha tratores e gostava de trabalhar a terra. Decidi então vender 10 vacas. Pouco depois, detetaram brucelose na manada. Fiz as análises e, no fim, tive de abater mais



40 vacas. Ou seja, vendi 10, perdi 40 e fiquei com apenas 20.

Quais foram as mudanças mais significativas que viu no setor agrícola ao longo destes 50 anos?

Não houve mudanças radicais, mas começou a haver uma aposta mais forte na genética e numa forma de trabalhar mais técnica, que antes não existia.

Não posso dizer que fui o primeiro, mas tanto eu como o meu pai sempre tivemos tendência para melhorar a genética dos animais. Antes das inseminações artificiais, já tínhamos cuidado na escolha dos touros. Depois, passámos a usar inseminações e as coisas começaram a evoluir.

A Associação Agrícola de São Miguel apostou fortemente na raça Holstein. Eu, pessoalmente, optei pela Jersey.

Na sua opinião, qual foi o maior contributo da Associação Agrícola de São Miguel para os agricultores micaelenses?

Uma das coisas importantes foi termos deixado de depender das grandes empresas que vendiam rações e adubos,

como o Machado, o Nicolau Sousa Lima. Eles importavam os adubos do continente e vendiam cá.

Tivemos de criar a Associação, para conseguir adubos a melhores preços e variedades que não tínhamos antes.

O governo também tinha alguma intervenção nos preços.

Outro contributo grande foi a fábrica de rações da própria Associação, através da cooperativa agrícola. Tudo isso fez diferença e é o que nos faz continuar a ser sócios.

Há algum momento ou conquista da Associação que lhe tenha ficado na memória?

Antes de a Associação existir, houve o 6 de junho, uma data marcada por um movimento pela independência dos Açores, que acabou por não chegar a lado nenhum.

Depois disso, houve a famosa "manifestação do leite". A situação estava complicada e nós manifestámo-nos. Acabou por se resolver alguma coisa. O governo regional deu algum apoio financeiro, mas as fábricas não deram.



O que sentiu ao ser homenageado na gala como sócio fundador?

Foi bom homenagearem os que ainda estão vivos. No meu caso, foi bom estar vivo para receber a homenagem.

Como vê o futuro da agricultura nos Açores, sobretudo para os mais jovens?

Um pouco incerto. A agricultura não está mal para os mais jovens, mas continua a ser uma atividade exigente, trabalhosa, com muita responsabilidade e que requer estudo.

É preciso uma determinada capacidade.

Há a ideia errada de que os agricultores só sabem trabalhar no campo e não conseguem fazer mais nada. Isso não é verdade. Para ser um bom agricultor é preciso capacidade de gestão e muita vontade de trabalhar.

Apesar dos desafios, há futuro. A agricultura não vai desaparecer. Vão surgir alternativas. A Holanda, por exemplo, é muito mais desenvolvida do que Portugal e continua a ser um país de vacas.

É uma vida árdua?

Já foi mais duro. Hoje é diferente, mas é sujeito: são sete dias por semana, 30 dias por mês.

O problema atual é a falta de mão-de-obra.

Eu trabalhei toda a vida, desde os seis anos. O meu pai costumava dizer: "O trabalho do menino é pouco, mas quem o perde é louco."

A vida era dura. Tínhamos de tratar das vacas, dar-lhes água, cuidar de tudo.

Com 13 anos, já tirava leite e ia vendê-lo de porta em porta.

Hoje as máquinas fazem quase tudo. Antigamente, apanhávamos a comida à mão, carregávamos silagem ao monte e dávamos aos animais manualmente. Agora os tratores fazem esse trabalho. Continua a haver trabalho, mas é mais leve.

Cheguei a ir a uma feira no Canadá e já lá estavam robots a fazer a ordenha. O futuro da agricultura passa também pela tecnologia. ◆



Associação Agrícola de São Miguel assinala 50 anos ao serviço dos agricultores



Fundada a 12 de março de 1975, a Associação Agrícola de São Miguel (AASM) celebrou este ano meio século de existência, dedicado a apoiar os agricultores da ilha e a acompanhar a evolução do setor. Ao longo destes anos, a associação tornou-se um ponto de encontro impor-

tante para quem trabalha a terra, ajudando a resolver problemas e a partilhar conhecimento.

Em 1975, foram 604 os associados que acreditaram na importância de unir-se para defender o setor. Esta união viria a definir o percurso da agricultura micaelense nas décadas seguintes.

A agricultura numa ilha não é apenas uma atividade económica; é parte de uma tradição. E é neste sentido que a Associação Agrícola de São Miguel tem procurado promover formação e dar acompanhamento técnico, sem esquecer o valor dos saberes que se foram transmitindo de geração em geração.

Ao longo de cinco décadas, a Associação Agrícola de São Miguel teve

um papel fundamental na modernização das explorações, apoiou os agricultores nas mudanças do mercado e contribuiu para que a agricultura em São Miguel se mantenha viva e relevante. Estes 50 anos são também uma oportunidade para agradecer a todos os que dedicaram tempo, trabalho e esforço ao setor, ajudando a construir uma associação sólida e uma comunidade agrícola mais unida.

Na gala comemorativa dos 50 anos da AASM, marcaram presença associados, entidades oficiais, parceiros e convidados, num ambiente de celebração e convívio, com a atuação do Duo Toadas, que animou a cerimónia com música tradicional. ◆

























DEUTZ
FAHR
8
SÉRIE



A SUA MÁQUINA DE TRABALHO
FIÁVEL, POTENTE E CONECTADA.



DEUTZ
FAHR



RAÇÕES SANTANA

